

UNIVERSIDADE DE UBERABA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E EXTENSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO: FORMAÇÃO DOCENTE
PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA, MESTRADO PROFISSIONAL

CÁTIA RODRIGUES DA COSTA OLIVEIRA

INCLUSÃO RACIAL E ENSINO POR PROJETOS EM ESCOLAS PÚBLICAS
UBERLÂNDIA, MG: reflexões sobre experiência pedagógicas.

UBERLÂNDIA

2021

CÁTIA RODRIGUES DA COSTA OLIVEIRA

**INCLUSÃO RACIAL E ENSINO POR PROJETOS EM ESCOLAS PÚBLICAS DE
UBERLÂNDIA, MG: reflexões sobre experiência pedagógicas.**

Dissertação apresentada à Banca de defesa para obtenção do título de Mestre em Educação no Programa de Pós-graduação: Formação Docente para a Educação Básica - Mestrado Profissional da Universidade de Uberaba.

Linha de pesquisa: Fundamentos e Planejamento

Orientador: Prof. Dr. Eloy Alves Filho

UBERLÂNDIA-MG
2021

Catálogo elaborado pelo Setor de Referência da Biblioteca Central UNIUBE

- O4i Oliveira, Cátia Rodrigues da Costa.
Inclusão racial e ensino por projetos em escolas públicas de Uberlândia, MG: reflexões sobre experiência pedagógicas / Cátia Rodrigues da Costa Oliveira. – Uberlândia, 2021.
87 f. : il. color.

O produto “Unidades didáticas para inclusão racial por meio da aprendizagem por projetos no ensino fundamental em escolas públicas de Uberlândia, MG: reflexões sobre experiência pedagógicas” foi produzido a partir dessa dissertação.

Dissertação (Mestrado) – Universidade de Uberaba. Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Educação: Formação Docente para a Educação Básica.
Orientador: Prof. Dr. Eloy Alves Filho.

1. Educação. 2. Aprendizagem. 3. Metodologia – Projetos. 4. Inclusão social – Negros. I. Alves Filho, Eloy. II. Universidade de Uberaba. Programa de Mestrado em Educação. III. Título.

CDD 370

CÁTIA RODRIGUES DA COSTA OLIVEIRA

**INCLUSÃO RACIAL E ENSINO POR PROJETOS EM ESCOLAS PÚBLICAS
DE UBERLÂNDIA- MG: reflexões sobre experiências pedagógicas.**

Dissertação apresentada ao Programa de
Mestrado em Educação da Universidade
de Uberaba, como requisito final para a
obtenção do título de Mestre em
Educação.

Aprovada em 27/07/2021

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Eloy Alves Filho (Orientador)
Universidade de Uberaba – UNIUBE



Prof.ª. Dr.ª. Gyzely Suely Lima
Instituto Federal de Educação, Ciência
e Tecnologia do Triângulo Mineiro -
IFTM



Prof. Dr. Osvaldo Freitas de Jesus
Universidade de Uberaba – UNIUBE

A Deus, pelo dom da vida.

A minha família, pelos vários momentos de ausência, que esteve presente na minha pesquisa e nas leituras.

Aos meus pais

Joaquim Augusto Oliveira Costa

Marcilieta Rodrigues da Costa

E aos meus irmãos Clayton e Cleber

À minha sobrinha Lavínia Cristina Freitas Rodrigues

Aos meus colegas e amigos da 4ª turma do Mestrado da UNIUBE.

AGRADECIMENTOS

A meu Deus, Senhor e Salvador! Eu Creio!

À minha mãe, pelo símbolo de mulher e de guerreira (força e coragem) e pela carinhosa presença na minha vida.

Ao meu pai, um homem amigo, carinhoso, humilde e forte.

À minha madrinha, Marilda Rodrigues Valério, um exemplo de mulher corajosa.

Especialmente, ao meu orientador Prof. Dr. Eloy Alves Filho, que possibilitou alçar esse voo ousado e arriscado com várias turbulências que vivemos. O educador que me ensinou a problematizar e incentivou as provocações na forma de pensar, de olhar, de dialogar e a ter a calma quando tudo parecia ser o fim.

Aos meus professores do Mestrado Profissional da UNIUBE, que me mostraram os primeiros passos para tornar-se um bom profissional.

Obrigada!

RESUMO

Os objetivos desta pesquisa são identificar os problemas de aprendizagem dos alunos do sexto ano do Ensino Fundamental e promover uma metodologia de aprendizagem por meio de projetos, envolvendo os discentes na interação com a Lei n.º 10.639/2003, em uma perspectiva de conhecimentos e a valorização da cultura africana, permeando e usando as lendas africanas. Recorreu-se às práticas pedagógicas voltadas à superação do racismo, como análises críticas de materiais didáticos e os discursos, bem como a reflexão interdisciplinar sobre a diversidade cultural. Nessa perspectiva, para ensinar aos alunos do sexto ano do Ensino Fundamental, é necessária uma reflexão pedagógica para a escola e um referencial teórico para as devidas interpretações dos professores como ponto de partida. Dessa forma, a metodologia de projetos apresenta-se como um articulador para o ensino no sexto ano, a fim de desenvolver o conhecimento intelectual dos alunos. Procurou-se evidenciar que, no rol de interesses da educação, Dewey durante a primeira metade do século XX e Paulo Freire, um dos pensadores mais importantes da primeira metade do século XX e da segunda metade também. Eles demonstraram que, em tempos diferentes, ao se apropriar de assuntos que circulam no meio da educação, valorizar os conhecimentos por meio de trabalhos colaborativos, problematizar, fazer a aproximação de uma aprendizagem na Língua Portuguesa, usar as lendas africanas e as culturas do povo negro de Uberlândia, visaram a organizar os componentes curriculares de forma contextualizada entre todas as disciplinas. Na pesquisa, foram aplicadas a abordagem qualitativa, análises dos Projetos Políticos Pedagógicos, foram construídas algumas unidades didáticas para o trabalho de Inclusão Racial usando as lendas africanas e suas narrativas. Contextualizações da história do Congado em Uberlândia, as inferências sobre o ator Sebastião Bernardes de Souza Prata, o “Grande Otelo”, com as ferramentas diários de classe e fichas de anotações de educadores das escolas em Uberlândia durante a elaboração do PPP. Observou-se um documento voltado, a partir dos dados, para uma prática que possa compartilhar com a Inclusão Racial a transição do quinto ano, quando o aluno possui apenas um professor em sala de aula, para o sexto ano, com oito componentes curriculares, causam impacto de diversas ordens no aluno, relacionais e emocionais, que exige um acolhimento com acompanhamento mais próximo e individualizado. A metodologia de aprendizagem por meio de projetos foi utilizada por professores anteriormente com resultados positivos. As principais conquistas citadas foram: participação coletiva dos alunos, decisão democrática sobre os aspectos a serem estudados e solucionados, bem como o conhecimento da realidade sociocultural da comunidade escolar e de seu entorno. Aqueles que não aplicam essa metodologia justificaram como causa, o trabalho adicional que é exigido bem como dificuldades em trabalhar em equipe. Com resultado prático, a pesquisa deste estudo, que visou a contribuir para a melhoria da Educação Básica, apresentou-se uma proposta de intervenção, por meio de uma unidade didática para a disciplina de Língua Portuguesa sobre lendas africanas, ressaltando-se os valores culturais e simbólicos. Vemos a importância da educação antirracista no sexto ano com vistas aos conhecimentos, essas experiências serão mantidas e vivências na escola no social dos adolescentes e ancestrais, conhecer a história no contexto da cultura de certos povos negros e as mazelas dessa população

Palavras-chave: Metodologia por projetos. Aprendizagem. Educação Antirracista. História Africana. Lendas Africanas.

ABSTRACT

This study aimed to identify learning problems of students of the sixth year of elementary school and promote a learning methodology through projects, involving students in the interaction with Law nr. 10.639/2003, in a perspective of knowing and the appreciating African culture, and using African legends. Pedagogical practices aimed at overcoming racism were resorted to, such as critical analysis of teaching materials and speeches, as well as interdisciplinary reflection on cultural diversity. From this perspective, to teach students in the sixth year of elementary school, a pedagogical reflection for the school and a theoretical framework for the proper interpretations of teachers as a starting point is necessary. Thus, the project methodology presents itself as an articulator for teaching in the sixth year, in order to develop the students' intellectual knowledge. We tried to show that, in the list of interests in education, Dewey during the first half of the 20th century and Paulo Freire, one of the most important thinkers of the first half of the 20th century and of the second half as well. They demonstrated that, at different times, by appropriating issues that circulate in education, valuing knowledge through collaborative work, problematizing, bringing together learning in the Portuguese language, using African legends and the cultures of black people of Uberlândia, it is possible to organize the curricular components in a contextualized way between all subjects. This is a qualitative study with analysis of the Political Pedagogical Projects and we built some didactic units for treating of Racial Inclusion. In the research, a qualitative approach was applied as well analyzes of Pedagogical Political Projects; some didactic units were built for the work on Racial Inclusion using African legends and their narratives. Contextualization of the history of Congado in Uberlândia, the inferences about the actor Sebastião Bernardes de Souza Prata, the “Grande Otelo”, with the daily classroom tools and note sheets of educators from schools in Uberlândia during the preparation of the PPP. Based on the data, a document aimed at a practice that can share with Inclusion\Racial the transition from the fifth year, when the student has only one teacher in the classroom, to the sixth one, with eight curricular components, cause a diverse impact on the student, relational and emotional, which requires a reception with closer and individualized monitoring. The project learning methodology has been used by teachers previously with positive results. With practical results, the research of this study, which aimed to contribute to the improvement of Basic Education, presented an intervention proposal, through a didactic unit for the discipline of Portuguese Language about African legends, emphasizing cultural values and symbolic. We see the importance of anti-racist education in the sixth year with a view to knowledge, these experiences will be maintained and experiences at school in the social of adolescents and ancestors, knowing the history in the context of the culture of certain black people and the ills of this population. We see the importance of anti-racist education in the sixth year with a view to knowledge, these experiences will be maintained and experiences at school in the social of adolescents and ancestors, knowing the history in the context of the culture of certain black people and the ills of this population.

Keywords: Project methodology. Learning. Anti-racist education. African History. African legends

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Organograma da aprendizagem baseada em projetos	31
Figura 2 Continente africano	35
Figura 3 Mapa de Minas Gerais em que se mostra a região de Uberlândia	42

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 Participantes da pesquisa.....	43
Gráfico 2 Apresentação dos professores da rede municipal e da rede estadual.	46
Gráfico 3 Professores que utilizam aulas tradicionais versus aulas por metodologias de projetos	49

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 Alterações no Ensino Fundamental de nove anos	26
Quadro 2 Participantes da Pesquisa	43
Quadro 3 Professores que utilizam aulas tradicionais/aulas por metodologias de projetos	44

LISTA DE SIGLAS E ACRÔNIMOS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CISAU	Centro de Integração Social do Menor Infrator
EJA	Educação de Jovens e Adultos
ENDIPE	Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino.
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
MEC	Ministério da Educação e Cultura
ONGs	Organizações não governamentais
PPP	Projeto Político Pedagógico
SPC	Serviço de Proteção ao Crédito
TDICs	Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação estão tornando a sociedade real em virtual .
UNIUBE	Universidade de Uberaba

SUMÁRIO

1 MEMORIAL	13
2 INTRODUÇÃO	18
3 REFERENCIAL TEÓRICO	23
3.1 Histórias da Educação: mudanças e impactos	23
3.2 O trabalho docente e a metodologia de ensino por projetos.....	28
3.3 Ensino como prática social: cultura e lendas africanas.....	35
4 METODOLOGIA	39
4.1 Os locais da pesquisa.....	42
4.2 Participantes da Pesquisa.....	43
5 ANÁLISE DOS DADOS	48
5.1 Aulas por metodologias de projetos.....	48
5.2 Conhecimento, inserção e valor da metodologia de projetos.....	52
5.3 Impactos para os alunos na transição do quinto para o sexto ano.....	57
5.4. Práticas educativas democráticas e participativas	58
5.5 Participação dos pais e da comunidade escolar na construção do PPP.....	60
5.6 As lendas africanas.....	64
CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
REFERÊNCIAS	70
ANEXO	72

1 MEMORIAL

Minhas¹ considerações aqui partem de recordações que, conservadas na memória, ora estão vivas, ora encontram-se adormecidas. Revisitá-las no processo da escrita deste memorial, possibilitou-me um encontro comigo mesma nas diferentes situações de uma trajetória composta por idas e vindas, encontros e desencontros, sabores, cores, cheiros e dissabores, silêncio e conversas com meus pensamentos.

No quintal de minha avó Tarcília no Bairro Patrimônio, sentia os cheiros das árvores frutíferas como a goiabeira, a enorme mangueira da espécie que chamávamos de manga comum, que parecia a mais doce manga do mundo, a jabuticabeira, a cidreira que produzia as mais belas cidras, as romãzeiras, os limoeiros da espécie que chamávamos de "limão china". Assim ocorriam as nossas manhãs e tardes, a brincar nas sombras das árvores e também a correr nas ruas daquele bairro, que conheci com vários buracos, que cabiam até carros. Havia também vários terrenos vagos com muito mato. Pode-se dizer que era uma roça, portanto, tudo muito tranquilo.

Saudades de brincar de "casinha", de fazer as comidinhas nas panelinhas. Muitas dessas imaginações deram suporte para a mulher adulta que reside em mim hoje. No quintal da minha avó, tudo era maravilhoso, é um verdadeiro retrato do passado, só tem a visão quem viveu conosco e sabe quanto foi bom! Saudades dos colegas que moram naquele bairro. Alguns até morreram, outros se perderam na trajetória da vida.

Valendo-me de Paulo Freire, “[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. (FREIRE, 2003, p.50). Sendo assim, na trajetória escolar, sempre estudei em escolas públicas e, quando criança, já percebia as diferenças de tratamentos para com as crianças brancas e as não brancas.

Estava atenta a todas as situações. Ali já sentia o início das diferenças raciais e também, na escola, vivenciei as experiências sociais de comunidades sociais multiculturais. Sim! Agora devo ser forte para suportar, no caminho do processo social e cultural, sempre duas vezes mais resistentes para essas situações chamada preconceito racial.

Meu pai, Joaquim Augusto, me ajudava com as tarefas escolares, pois ele tinha mais paciência para ensinar, apesar de sua profissão de marceneiro. Minha mãe cuidava de todos e das tarefas da casa, enquanto as crianças eram pequenas. Minha mãe contou que o meu avô disse que as filhas dele não precisavam estudar muito, mas precisam aprender a assinar o

¹ Apenas nesse memorial usarei a primeira pessoa do singular, pois ele retrata a minha vida emocional, minhas lembranças pessoais. Nas demais seções, o tratamento será impessoal.

nome para se casarem. Assim minha mãe fez. Estudou até a quarta série e se casou com meu pai.

Recordo-me de que havia diferenças entre os momentos em casa e os na escola. Apesar das dificuldades, gostava de ir à escola, mais de fazer as lições da “barriga” do “cachorro”, do “dado”, da “uva”, da “zabumba”, dentre outros. Essas tarefas aconteciam na sala de aula. Eu ali, mais de uma vez, envolta do silêncio. Será que era o momento de utilizar as palavras?

Como nada é perfeito, naquele momento, brincar não era prioridade em uma fase de lógicas diferentes e em lugares marcados por singularidades. A vida exigiu que eu tivesse que trabalhar aos nove anos e também cuidar dos meus irmãos mais novos, Clayton e Cleber. Os problemas de meus pais para sustentar a família levaram minha mãe a tomar a função de matriarca da casa, pois meu pai não correspondeu com as funções de provedor do lar.

Em tempos escolares, meus tios maternos sempre mantiveram a fala com muitos estímulos para nunca eu deixar de estudar, porque, na vida, os conhecimentos, ninguém os retira de nós. Nas escolas em que estudei, encontrei as princesas, os príncipes e as fadas, mas também me deparei com bruxas. Vivi os sonhos coloridos, contudo o preconceito estava presente sobre as crianças negras, já que, naquele momento, não havia representações negras. Os negros em destaque eram as representatividades que circulavam na sociedade, eram um moleque sapeca e de uma perna só, o saci ou a tia Anastácia, a doméstica, o tio Barnabé, o empregado do sítio cheio de imaginações.

Trabalhei de babá em uma casa perto da minha, para ajudar na renda da minha família e também para ficar de olho nos meus irmãos. Nesse período, morávamos no bairro Jaraguá e já não havia tempo para as brincadeiras. Trabalhei com a minha mãe também na casa de dona Ofélia Garcia e Sr. Luiz Alberto Garcia. Eles também produziam esse discurso “você não vai fazer igual a sua mãe, vai estudar e trabalhar para ser alguém na vida”. Sempre levei esse compromisso a sério, apesar das muitas dificuldades e de desistências, entretanto a nossa necessidade falava mais alto. Sendo assim, passava o dia todo no trabalho e à noite ia para a escola.

Fui estudar no período noturno e, com autorização do Juiz, trabalhei durante o dia. Foi um tempo ruim, pois os alunos eram todos adultos e a mais jovem era eu. Contudo, superei!

Aos quinze anos trabalhava em uma loja de calçados, do grupo Reis & Costa como auxiliar de caixa. Naquele emprego, buscava informações de cartão de crédito, fazia nota fiscal para os clientes e também buscava informações no SPC (Serviço de Proteção ao Crédito)

para clientes comprarem com cheques pré-datados ou fazerem as fichas para os clientes comprarem no crediário.

Quando estava no Ensino Médio (chamado colegial na época), a opção na minha escola era fazer o curso de Ciências Contábeis, também no turno noturno. Durante esse período, casei-me, contudo, um ano após fiquei viúva, com muitas dores, tristezas, medos, pois nunca havia imaginado passar por essas situações, nem em pesadelos e para aquele momento seria necessário ter resistências e forças para superar esses dissabores.

As tristezas pelas perdas me acompanharam. Primeiro, perdi meu pai em maio 1992. Em setembro, dia 27 de 1992, perdi meu marido. Em sete de julho de 1994, foi a vez de meu irmão caçula partir. Foram embora os homens que marcaram minha vida e, com isso, também deixaram um enorme vazio.

Nesses tempos de dissabores, fui fazer o Curso de Magistério na E.E de Uberlândia. Saí do grupo Reis & Costa, fui trabalhar na Imobiliária Paulo Campos, como caixa da empresa. O Curso de Magistério também cursei no turno noturno e, durante o curso, foram ministradas para mim as disciplinas pedagógicas, pois já havia concluído o Ensino Médio. Enfrentei as perdas com resiliência já que “[...] a humildade exprime uma das raras certezas de que estou certo de que ninguém é superior a ninguém” (FREIRE,2003, p. 95).

Em 1995, comecei a lecionar para Ensino Fundamental em dupla jornada em escolas estaduais. Trabalhei em escolas particulares nas séries iniciais e lá era um universo totalmente diferente, se comparado com as escolas públicas. Um ambiente também desconhecido, em que as disputas de poder e de interesses, de posicionamentos ideológicos e políticos estavam presentes nas inferências, está na Graduação e têm conhecimento na prática diária na defesa de utilização das metodologias. E assim, percebi a importância de ter uma formação em um Curso Superior. De certa forma, são as vaidades de estar na Universidade.

Nessas escolas particulares, algumas de minhas colegas de trabalho estavam no Curso Superior em Pedagogia, então veio o pensamento de que o conhecimento é muito importante para continuar atuando em sala de aula. A essa altura, iniciei um cursinho pré-vestibular para conseguir entrar na faculdade, porém chegou a oportunidade em um processo seletivo na Secretaria de Ação Social da Prefeitura Municipal de Uberlândia. Comecei a trabalhar no Centro de Integração Social do Menor Infrator (CISAU).

Acreditava no ser humano e concordo que “[...] A Educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo. Devemos promover a coragem onde há medo, promover o acordo onde existem conflitos e inspirar esperança onde há desespero” (MANDELLA, 1994).

Aquele ambiente de reclusão era um barril de pólvora prestes a explodir a qualquer momento. Enveredando para o lado da minha formação durante o trabalho no Centro de Integração, caminhei com as concepções teóricas de Wallon, isto é, trabalho de parcerias, de trocas de experiências e de afetividade. O ato de aprender a desenvolver o pensamento crítico reflexivo, a interação, a construção coletiva do conhecimento do primeiro ao quinto ano em um meio sócio-histórico-cultural propiciando a mediação aluno/aluno e professor/aluno.

Naquele lugar, aprendi que, independente do crime, os adolescentes têm dores e sofrem pelos atos penais e a cadeia é o pior lugar do mundo para se viver. Ambiente de manipulação o tempo todo, as contendas rolam. O chefe da cadeia dá ordens e tudo acontece no silêncio. Aprendemos, com as mazelas, o lado triste e real da vida, o respeito ao sujeito que consegue sair do círculo vicioso, pois os adolescentes juntos com os outros meninos aprendem a viver em sociedade, já recuperados para sair do mundo do crime.

Nesse período, mais precisamente em 2001, estava no ensino superior, no Centro Universitário do Triângulo, onde obtive um desconto de 50% na faculdade por trabalhar na prefeitura. Isso foi muito importante para suprir as despesas de curso de Graduação, já que são várias. Terminei o curso de Graduação em Pedagogia em 2004. Saindo do CISAU, passamos, na Instituição, por mudanças de direção, quando alguns militares assumiram a gestão. Sendo assim, houve mudanças na Pedagogia do trabalho, houve as fases de várias fugas, várias tentativas de mortes e morte de adolescentes na instituição. Em razão disso, achei melhor me afastar daquelas situações de riscos, de perseguições e de subornos.

Como Especialista da Educação Básica, iniciei no Estado em 2006, fui designada o processo com vistas à titulação; para a conclusão da Graduação em Pedagogia, quem tivesse feito Gestão Escolar ou Orientação Escolar conseguiria a melhor titulação do concursado. No meu caso, foi a questão da titulação: as vagas, são inseridas no portal da Secretaria da Educação. Eu acompanhava os professores e os alunos na aprendizagem na Escola Estadual Antônio Luiz Bastos e, paralelamente, trabalhava na Prefeitura como professora. Sempre me esforcei, procurei apresentar o melhor que pude, embora tivesse (e ainda tenho) falhas, já que sou ser humano e aceito minha incompletude. No entanto, minha premissa de que o respeito às pessoas é essencial para mim.

Na Rede municipal, fui professora do primeiro ao quinto ano e, nesse período, descobri uma das minhas paixões, o maternal II. Percebi a importância da formação da criança e as observações da transformação do ser humano em seu todo, visualizar os resultados da aprendizagem e da formação dos alunos como sujeitos da aprendizagem.

Em 2012, pedi mudança de lotação para a Escola Estadual Mário Porto, no Bairro Canãa, (2011 até 2019). Nessa época, estava como supervisora efetiva pela LEI n.º100, cujo nome foi adicionado pelo governador de Minas Gerais Eduardo Azeredo e foi aplicada por ele. Contudo, em um dia de 2016, já não era mais efetiva e retornei à condição de designada com contratos anuais.

Nessa escola, por processo democrático de votação, de acordo com os desejos da comunidade, tornei-me vice-diretora do turno noturno por três anos. No caminho, encontrei várias diversidades. O grande público são os alunos fora da faixa etária que, ao completarem dezoito anos, precisam concluir o Ensino Médio na Educação de Jovens e Adultos - EJA. Havia casos de alunos que retornaram aos estudos por ordem judicial, cumprindo liberdade assistida e, sendo assim, a escola teria que matricular o aluno. Havia diversos casos, como alunos maduros com muita vontade de retornar aos estudos e os adolescentes que iam à escola para cumprir a vontade dos pais, portanto, havia um público variado.

Na Educação, já trabalhei em várias etapas, o que me realizou e ajudou a crescer na profissão docente, a aprender a não ser fraca e, principalmente, a não desistir. Quando a cor da minha pele era vista como motivos de impedimento para o meu trabalho ou quando as pessoas ficavam surpresas, quando me conheciam pessoalmente, a mulher negra, sim, mas que acreditava nas mudanças de um povo por meio da Educação.

Trabalhei por alguns anos e chegou o momento de prosseguir nos estudos. Chegou a hora do Mestrado. Não foi tranquilo iniciar os estudos no Mestrado e permanecer também não tem sido fácil. Acho que terminar está sendo uma tensão, mais um desafio pessoal, pois o tema da minha pesquisa é prazeroso para mim, o que auxilia a diminuir os obstáculos. O motivo de indagações nas escolas é o maior problema que estamos vivendo em tempos de pandemia, da COVID-19, já que as entrevistas não aconteceram como imaginamos inicialmente, portanto o formato das observações foi reorganizado.

O confronto com escrita para mim foi desafiador, pois disponho de pouco tempo para as devidas leituras, como também há uma dificuldade de organizar meus horários e as atividades do trabalho, estudar e cuidar de casa, minha mãe. Além disso, minha mãe está em estado demência e clamor por atenção.

E, nesse ponto, em que hoje me encontro (momento contínuo do memorial em que o passado e presente já são passados) com uma pesquisa que contém assuntos inesgotáveis e transformações ao longo das narrativas, aguardo o grande dia da defesa e uma próxima continuidade.

2 INTRODUÇÃO

A sociedade contemporânea passa por rápidas e profundas transformações, seja no mundo do trabalho, no veloz avanço das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação estão tornando a sociedade real em virtual (TDICs). Esses fenômenos afetam visceralmente a sociedade e atingem diretamente a escola, aumentam os desafios dos educadores para uma criação e reinvenção contínua do processo de ensino e de aprendizagem.

A transformação da escola e de suas práticas pedagógicas para as novas realidades socioeconômicas e culturais e, ainda, o intuito de motivar os alunos para o aprendizado são indispensáveis. Um dos desafios para educar as crianças e jovens, conduzi-los a um desenvolvimento humano, cultural, científico e tecnológico, tanto para a vida como para o mundo do trabalho, é a inovação no processo ensino e de aprendizagem, seja por meio das tecnologias digitais ou de práticas educativas inovadoras, participativas, colaborativas, democráticas e inclusivas.

A metodologia analisada nesse estudo é apresentada como uma proposta alternativa para aumentar a eficiência da aprendizagem no Ensino Fundamental, é a metodologia baseada em projetos. Esta metodologia modifica o foco da sala de aula tradicional e também considera o professor como um orientador o aluno como parte integral, da formação do conhecimento, e os conteúdos significantes para o aluno e aprendizagem. Dessa forma, é possível equilibrar a teoria e a prática, dividir a responsabilidade, as tarefas e comunicar os resultados.

Os trabalhos vinculados às metodologias de projetos têm a perspectiva do conhecimento globalizado e uma articulação interativa entre os componentes curriculares. É uma forma de organizar as atividades de ensino e aprendizagem e implica considerar que tais conhecimentos são ordenados sem as formas rígidas da Educação tradicional, com a disciplina rigorosa, em função de algumas referências disciplinares pré-estabelecidas ou de homogeneização. Já a Metodologia Ativa pode englobar diferentes práticas em sala de aula. seu principal objetivo ter o aluno protagonista da própria aprendizagem, a ideia é estimular o aluno a construção do próprio, autonomia diante saber e a combinações das tecnologias digitais visto que o conhecimento sendo construído e partilhado na sala de aula (MORAN 2004).

A função da metodologia por projeto é a criação de estratégias de organização dos conhecimentos e relacionar os diferentes conteúdos em torno de problemas ou hipótese que facilitem aos alunos a construção de seus conhecimentos, esse estudo foi apresentado por John Dewey no século XX, vendo as mudanças na indústria e na Educação como também as

transformações de diferentes procedimentos e saberes disciplinares em conhecimentos próprios. Segundo Behrens (2006, p. 98). Na metodologia por projeto, pode-se organizar, segundo um determinado eixo, a definição de um conceito, um problema geral ou particular. Um conjunto de perguntas estabelecem uma temática que valha a pena ser tratada, com vistas a superar os limites de uma disciplina tornando-se uma forma de trabalho interdisciplinar/transdisciplinar.

Bender (2014) considera essa abordagem como uma Educação diferenciada para o século XXI e pode transformar-se no principal modelo de ensino, recomendado aos educadores como uma metodologia inovadora e eficiente. Para o autor,

A aprendizagem baseada em projetos é um modelo de ensino que consiste em permitir que os alunos confrontem as questões e problemas do mundo real que consideram significativos, determinando como abordá-los e, então, agindo de forma cooperativa em busca de soluções (BENDER 2014, p. 9).

No sistema educacional brasileiro, ocorre um crescimento significativo que pode ser percebido tanto na Educação pública, quanto na privada, o que representa um caminho seguro para a introdução de mudanças e inovações nas metodologias e nas práticas educativas da Educação Básica.

Uns dos aspectos relevantes da aprendizagem baseada em projetos é que os processos decorrentes dessa metodologia apresentam estrutura, foco, flexibilidade e controle, dentro de prazos e dos recursos pré-definidos em busca de um resultado, discutidos democraticamente com os alunos para entender e/ou resolver problemas por eles identificados na comunidade. Há a flexibilidade, nessa metodologia, em discutir com os participantes e identificar os problemas e as soluções para os mais variados tipos de problemas e respostas à sociedade.

Apesar de não ser mais novidade, a metodologia por meio de projetos ainda é pouco utilizada pelos educadores. Por isso, nós a analisamos e apresentamos algumas razões e práticas possíveis sobre o trabalho pedagógico por meio de projetos. A principal razão para recomendar a aprendizagem baseada em projetos é porque ela permite ao aluno ter voz, isto é, situação em ele pode participar e sugerir questões a serem estudadas e solucionadas de forma participativa e, acima de tudo, em sua própria comunidade.

A partir do momento em que é chamado para sugerir um tema ou um problema para ser estudado, o aluno torna-se copartícipe na proposta de trabalho, sujeito no processo educativo e de solução do objeto de estudo e, dessa forma, toma consciência de que é corresponsável não só pela implementação do projeto, mas também pelos problemas sociais, no caso o trânsito, em sua comunidade (DEWEY, 1959, p 355)

Para Dewey, é de vital importância que a Educação não se restrinja à transmissão de conhecimento, como algo acabado, mas que o saber e as habilidades adquiridas pelos estudantes possam ser integrados à sua vida como cidadãos, como pessoas.

Essa metodologia pode beneficiar também o professor, pois, ao se afastar de cartilhas, de livros didáticos e de materiais oficiais de ensino, ele também aprende ao ensinar, torna-se um instrumento de maturação que valoriza a capacidade de questionar, pois pode abrir o leque de temas, de teorias e de práticas e, ainda, pode desenvolver pesquisas e soluções de temas, também de seu interesse ou de sua comunidade.

Nesse sentido, ressaltamos que a metodologia de projetos leva o professor a abandonar a posição de “dono do saber” para o protagonismo de sujeito aprendente, uma vez que os conteúdos novos, as questões inovadoras, as problematizações inesperadas, levantadas pelos alunos, fazem parte desta forma de organização didática e prática educativa.

Segundo Freire (1996.p, 210) “[...] Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou sua construção”. A escola fica determinada em manter-se repetitiva e o saber mecânico não tem significado. Ela também precisa sair da sua zona de conforto, pois deve estar aberta e ser flexível, para entender que uma sala de aula em que as carteiras ficam geometricamente distribuídas, ou uma escola onde os gestores não permitem que os estudantes realizem atividades educativas, recreativas, culturais e pesquisas no pátio ou em outros espaços, está fadada ao insucesso na sociedade atual.

Outra característica da aprendizagem baseada em metodologia por projetos é seu caráter inclusivo, pelo fato de o estudante desenvolver uma variedade de atividades com caráter interativo com os colegas de pesquisa, envolvendo teoria, prática, revisão bibliográfica, confecção de materiais, elaboração de conteúdos, em que todos os participantes se tornam atores e pesquisadores. Aquele que não se sente motivado ou capaz para confeccionar uma maquete, por exemplo, pode dedicar-se à pesquisa bibliográfica, de conteúdo, metodologia e outros. Sobre a temática selecionada; e o aluno que tem habilidade para desenhar pode ser chamado para fazer ilustrações; e aquele outro que sempre foi introspectivo pode tornar-se motivado pelos colegas e pelo desafio a integrar o projeto e se revelar um grande pesquisador. Inclusão o pertencimento de valorização o ser humano engajamento a motivação.

A prática da metodologia de projetos permite ao professor criar condições inovadoras de produção que podem tornar-se um trabalho interdisciplinar, que faculte ao aluno a percepção das diferentes áreas do conhecimento e as disciplinas podem dialogar entre si, relacionar-se umas com as outras e estão diretamente associadas à prática da vida cotidiana das pessoas. Quando o professor se aprimora como, fazendo uma Pós-Graduação ou cursos de

Especialização nas experiências, na prática diária com seus alunos, a aprendizagem baseada em projetos permite aos educandos entenderem as condições e situações da vida escolar que podem ser diferentes de um ensino estanque, da Educação bancária, individualista, solitária, mas uma Educação dinâmica, colada à realidade, em que a teoria pode ser utilizada para as soluções dos problemas locais (FREIRE, 1987 p. 78) Na obra “Educação e mudança”, as transformações pela conscientização, pelo diálogo a partir de palavras geradoras, permitem a elaboração de conhecimentos a partir representações, que fazem parte do seu cotidiano e têm sentido no seu cotidiano, com eficiência e relacionada ao seu cotidiano profissional.

Segundo Hooks (2013 p.28) aprende-se que, longe de ser autoatualizada, a Universidade era vista como porto seguro para pessoas competentes em matéria de conhecimentos livrescos, mas inaptas para a interação social.

A passagem do quinto para o sexto é, para o aluno, segundo as vivências escolares, um momento de dificuldade, de tensão, de pequenos traumas, devido às mudanças típicas do currículo e de novos professores. É necessário, pois, permitir que essa transição para o sexto ano ocorra com tranquilidade e com equilíbrio, com atitudes positivas no enfrentamento do novo meio social, para que essa inserção aconteça com mais naturalidade e o rendimento escolar não seja prejudicado.

Pode-se mencionar, também, que os processos cognitivos e afetivos são necessários ao desenvolvimento humano e ao bem-estar social e são fundamentais nos processos de formação e de maturação do indivíduo. Sendo assim, a escola deve ser ambiente acolhedor para as identificações que acontecerem.

Em face do mencionado, a metodologia de projetos proporciona o trabalho em equipe, democrático, age sobre tópicos acadêmicos ou problemas sociais e permite as interações sociais. Portanto, a metodologia de projetos auxilia na formação do diálogo para a vida profissional, na convivência social e na aprendizagem.

A razão dessa pesquisa é que a metodologia de aprendizagem baseada em projetos envolvendo os alunos do sexto, em uma trajetória de sucesso, de transformações culturais e sociais que, no processo colaborativo, interdisciplinar com os vários componentes curriculares, visa a superar as inquietações e as inseguranças, apresentadas por alguns alunos do sexto ano do Ensino Fundamental.

As tensões são de diferentes ordens, desde alunos que não se encontram alfabetizados, até outros alunos, em processos diferentes de aprendizagem. Há, também, alunos prontos para a transição para o sexto ano; os da Educação Inclusiva, que precisam de atenção diferenciada com o professor de apoio em sala de aula e participando dos trabalhos colaborativos com os

colegas. Os alunos do sexto ano necessitam de motivação e modificam o foco da sala de aula em diferentes estratégias para a aprendizagem, envolvendo todos os alunos, pois todos precisam de cuidados especiais, de olhares diferenciados.

As observações, o fornecimento de dados e a participação nos debates e o compartilhamento de anotações de PPP - Projeto Político Pedagógico tiveram as contribuições especiais de nove colaboradores, sendo seis participantes do gênero feminino e três do masculino. Selecionamos como local da pesquisa duas escolas da rede pública de Uberlândia-MG. Uma da rede municipal e outra da rede estadual de ensino.

Ratifica-se a necessidade de novas práticas educacionais para melhorar o processo de aprendizagem das crianças brasileiras. Nesse sentido, apresentamos os objetivos da pesquisa, na tentativa de aprofundar a discussão e buscar soluções, para a qualidade da Educação, por meio de práticas educativas democráticas, inovadoras e inclusivas. Como objetivo geral, trazemos analisar o processo de aprendizagem baseado na metodologia de projetos para o sexto ano do Ensino Fundamental na rede pública.

Para se atingir o objetivo geral, traçamos os seguintes objetivos específicos: i) identificar os impactos causados aos alunos pela transição do quinto para o sexto ano; ii) analisar as metodologias utilizadas e comparar com a metodologia de projetos em termos de aproveitamento dos alunos; na relação social tornar os alunos democráticos com mudanças de hábitos pelo viés da Educação, precisamente nas práticas de trabalhos colaborativos; iii) motivar o desejo dos alunos de escola pública em estudar; iv) desempenhar atividades atrativas com significado para esses alunos com todas as dificuldades que foram mencionadas pelos professores; v) elaborar um projeto de intervenção democrático e colaborativo com os sujeitos, da pesquisa são professores da pública de Uberlândia, estadual e municipal para melhor o aprendizado e facilitar a vida estudantil dos alunos.

Após este introito, apresentamos a organização desta dissertação. Além do memorial e desta introdução, há a seção de Referencial Teórico, em que fazemos uma exposição dos aspectos teóricos que norteiam esta pesquisa. Em seguida, apresentamos o percurso metodológico adotado para a realização desta pesquisa. Após a metodologia, são apresentadas algumas análises, ainda que parciais. Traçamos algumas considerações, que pudemos constatar até o momento da pesquisa, para, por fim, apresentar as referências.

Na próxima seção apresenta-se o referencial teórico, no qual fazemos uma exposição sobre a base teórica que fundamenta esta pesquisa.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Esta seção é destinada a apresentar o referencial teórico no qual nos baseamos para a realização desta pesquisa. Iniciamos com apontamentos sobre a História da Educação, no concernente à legislação que norteou as mudanças nos modelos de ensino durante os anos. A seguir, tratamos de aspectos relacionados à atuação dos professores, no que se refere a uma Educação mais reflexiva, em que os estudantes se tornem atores no seu processo de aprendizagem e tratamos também da metodologia de ensino baseada em projetos.

Vemos que as transformações ocorrem na sociedade efetivamente na Educação, conforme as realizações dos estímulos no processo de ensino e aprendizagem. Os movimentos esclarecedores dos conhecimentos articulam-se com as disciplinas, para romper de forma rígida de enquadrar os conteúdos. Já o projeto promove a interação e a integração das disciplinas do currículo, além de oportunizar a aprendizagem que perpassa os pilares da Educação que abrangem o conhecimento, integrado com os saberes.

Segundo o dicionário Houaiss (2012), a palavra projeto deriva do latim *projectus*, significa algo para frente, em que se buscam e se encontram possibilidades. Já a finalidade da metodologia, certamente, sua finalidade é a experiência educativa ou propiciar a construção do conhecimento².

3.1 Histórias da Educação: mudanças e impactos

Inseridos no contexto de metodologia por meio de projetos voltados para a Educação, que possibilita aprendizagem significativa no sexto ano, fazemos, inicialmente, algumas demarcações dos primórdios da Educação e as mudanças e impactos na aprendizagem, na organização e nos hábitos dos estudos. Apresentamos algumas demarcações históricas e pedagógicas no processo educacional brasileiro, em que as aulas entre o século XVII e XVIII,

² Esclarecimento da Pesquisadora: foram feitas várias tentativas de submissão à apreciação do CEP/CONEP, da minha pesquisa, todavia, o ano 2020 foi apogeu da COVID19 (Pandemia provocada pelo novo coronavírus) e as escolas fecharam e o trabalho remoto tomou lugar na Educação. Na própria escola em que trabalhei não foi possível fazer as entrevistas com a equipe de professores, porque era momento novo para todos a minha diretora não autorizou a pesquisa, devido a tanto trabalho na escola. Não tivemos êxito no município, após várias ondas da COVID 19.

e até mesmo por algumas denominações protestantes, já no final do século XIX, continuaram em plena atividade no século XXI (NUNES, 2000, p.39).

Com a expulsão dos Jesuítas, em 1759, pelo Marquês de Pombal, em decorrência de suas ideologias, deu-se a chamada de pedagogia tradicional, voltada sobretudo para a disciplina, com as ‘Aulas Régias’. Segundo Nunes (2000), o Período Imperial, com a Economia agroexportadora e regulada pela prática da escravidão, o Estado, com suas políticas excludentes, instituiu os colégios Liceu nas capitais das províncias e do Império, o que contribuiu para a formação das elites.

Nesse período, o ensino primário era um modo de dominar os indivíduos. O ensino secundário, por sua vez, agregava além do curso elementar, aulas de Letras e Filosofia, institucionalizadas e promoviam conhecimentos que habilitavam esses indivíduos a participarem da formação da burguesia. Essas concepções permaneceram no País e manteve-se na República até a promulgação da primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em 1961 (NUNES, 2000, p.40).

Entre avanços e recuos, o processo de organização da Educação brasileira atendeu aos propósitos políticos e econômicos correspondentes aos movimentos históricos em favor das elites. Entre os destaques por mudanças, temos o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, de 1932, em que um grupo de intelectuais, em defesa da democratização do acesso e da qualidade da Educação, solicitaram a renovação e a liderança no campo educacional.

Saviani (2008) destaca a importância da proposta de estruturação da escola pública brasileira a partir do Manifesto:

A política Educacional, mais do que a defesa da Escola Nova, está em causa no “Manifesto” a defesa da escola pública, nesse sentido o texto emerge como uma proposta de construção abrangente do sistema nacional de Educação pública, abarcando desde a escola infantil até a formação dos grandes intelectuais pelo ensino universitário (SAVIANI, 2008, p.253).

Em 1942, com a Lei Orgânica do Ensino Secundário entre as leis de ensino, situa-se uma mudança na estrutura do ensino secundário, sendo o primeiro ciclo denominado ginásio e o segundo, clássico científico. Segundo Dias (1997), essa conclusão implica recolher o diploma primário. No período colonial até meados do século XX, para ingressar no curso ginásial, o aluno deveria passar no “exame de admissão”, uma espécie de vestibular, porque as vagas disponíveis eram insuficientes, à semelhança do que ocorre para o acesso à universidade pública, atualmente. Em um contexto pós-colonial, há Institutos federais que trabalham com provas de seleções.

O exame de admissão constituía-se em uma ruptura para o acesso, do ensino primário para o ensino do ginásio e assemelhava-se a uma minuta de vestibulares na atualidade, em que as escolas não divulgavam o que seria cobrado e, conseqüentemente, a maioria fracassava no exame e não conseguia adentrar o ginásio. Em decorrência disso, muitas instituições privadas, onde apenas aqueles estudantes que tinham boas condições financeiras poderiam frequentar, recebiam alunos cuja formação era garantida aos ricos e, portanto, eram os que garantiam a aprovação no vestibular.

É interessante destacar que, mais uma vez, o ensino secundário dá passagem à formação da burguesia. O exame de admissão era, na verdade, maneira formal de exclusão social e de interrupção da Educação da maioria. Em pleno século XXI foi necessária uma Lei Federal (Lei n.º10639/03), para equiparar algumas situações: o egresso dos negros e afrodescendentes e a comunidade indígena na Universidade pelo sistema cotas. Foram necessárias políticas para equidade, trabalhando as desigualdades na Educação, para os diferentes financeiramente, com a finalidade de se tornarem visíveis os negros nesses espaços de formação.

Segundo Dias-da-Silva (1997), em meados dos anos 1960, no estado de São Paulo, houve uma forte pressão da comunidade para se estender o acesso ao ginásio a todos os alunos. Em razão disso, o Secretário da Educação do Estado de São Paulo começou a realizar programas escolares alternativos.

Em 1971, com a Lei n.º 5.692 legitimou-se a obrigatoriedade de escolarização dos alunos entre sete e quatorze anos e teve origem a Escola de Primeiro Grau, formada por oito séries, ou seja, o Ensino Fundamental de oito anos. Em razão disso, os termos primário e ginásio foram abolidos, bem como os exames de admissão. Nesse sentido, Dias-da-Silva (1977) afirma que:

[...] Tais reformas “traziam consigo mais que aspirações políticas populares de ascensão social. A democratização da escola secundária implicava num enfoque diferente para a escola básica, e sobretudo, uma concepção de ensino diversa visão da escola secundária, que visava a formação das elites brasileiras em busca do Curso Superior, deveria ser superada (DIAS-DA-SILVA 1977, p.17).

Entretanto, o objetivo que era garantir o acesso ao ensino para as camadas populares, tornou-se um novo modo de exclusão dentro das próprias escolas, porque o aluno que não conseguia atingir a média nos componentes curriculares e era reprovado por diversas vezes, conseqüentemente, evadia-se da escola. Entretanto, a obrigatoriedade da escolarização dos alunos entre sete e quatorze anos constituiu um grande avanço para a Educação brasileira,

pois oportunizou, a essas crianças, o ingresso ao ensino secundário, antes propiciado apenas à elite.

Em 1988, a promulgação da Constituição Federal passou a garantir os direitos dos cidadãos à Educação, sendo dever do Estado promover não somente o acesso, mas um ensino de qualidade, tendo vista a igualdade entre os cidadãos brasileiros. Isso significou que o Estado passou a contribuir financeiramente com as instituições de ensino, para que elas pudessem investir em materiais e em infraestruturas, contribuindo na e com a formação social em condições de igualdade e de justiça social na apropriação e acesso ao conhecimento.

Em razão disso, Freire (1996, p. 64) chama atenção quanto às práticas educacionais e suas implicações nos processos formativos dos sujeitos, destacando que:

[...] As práticas bancárias [...] em uma espécie de divisões por conhecimentos repartidos, inibindo o poder criador dos educandos, enquanto que a Educação de caráter de problematização autenticamente reflexivo, implica um constante ato de desvelamento da realidade. A primeira pretende manter a imersão: a segunda pelo contrário, busca a emersão das consciências, resultado na inserção das críticas à realidade (FREIRE, 1996, p. 64).

Após esse retrospecto histórico sobre a Educação Básica no Brasil, especialmente a forma tradicional de ensino, com a criação e publicação da Lei n.º 11.274 de 2006, o Ensino Fundamental teve alterada a nomenclatura de série para ano, conforme demonstra o Quadro 01.

Quadro 1 Alterações no Ensino Fundamental de nove anos

Antes da Lei nº 11.274/2006	Depois da Lei nº 11.274/2006
Antigo Ensino Fundamental	Novo Ensino Fundamental
1ª Série (7 anos)	1º Ano (6 anos)
2ª Série (8 anos)	2º Ano (7 anos)
3ª Série (9 anos)	3º Ano (8 anos)
4ª Série (10 anos)	4º Ano (9anos)
5ª Série (11 anos)	5º Ano (10 anos)
6ª Série (12 anos)	6º Ano (11 anos)
7ª Série (13 anos)	7º Ano (12 anos)
8ª Série (14 anos)	8º Ano (13 anos)
9ª Série (15 anos)	9º Ano (14 anos)

Fonte: Andrade (2011, p. 14)

Com a mudança, o aluno tem que ser matriculado no "primeiro ano" (antiga primeira série), com seis anos, e não mais com sete anos de idade, como era no sistema antigo. Fica a indagação se essas mudanças melhoraram ou pioraram o ensino nas escolas ou se apenas se trata de mais uma alteração de nomenclatura e rearranjo entre idades e séries.

Uma questão importante a ser destacada é que, com essa alteração, alunos que não teriam acesso à pré-escola devido à falta de instituições para atender à demanda de crianças serão atendidos nas escolas de Ensino Fundamental

O acréscimo de um ano no início do Ensino Fundamental “busca aumentar o tempo de alfabetização da criança, que passa de dois anos (1ª e 2ª séries) para três (1º, 2º e 3º anos)”, diz a coordenadora-geral de Ensino Fundamental da Secretaria de Educação Básica do MEC - Ministério da Educação e Cultura. Outro objetivo é ampliar o acesso à escola mais cedo, já que a Educação infantil não é obrigatória no País e muitas regiões sofrem com a falta de vagas nesse nível. “As pesquisas mostram que, quanto mais cedo a criança entra na escola, melhor é o seu desempenho. O acesso ao ensino para os alunos de 6 anos é outra grande conquista”, defende Borges. “Até o ano passado, o Estado era obrigado a oferecer Educação para todas as crianças entre 6 e 14 anos. Com a aprovação da Proposta de Emenda à Constituição (PEC) 27/7/08, essa obrigatoriedade foi estendida para 4 a 17 anos”. (@, REVISTA ESCOLA PÚBLICA, edição 14 de 4/2010).

A partir da aprovação a Lei de Diretrizes e Bases - LDB em 1996, até meados de 2005, o Ensino fundamental foi dividido do primeiro ao quinto como anos iniciais e do sexto ao nono, como anos finais do Ensino Fundamental, totalizando um período de oito anos a permanência das crianças na escola, como mencionado. Em meados de 1996, destacamos os focos de mudanças ou ampliação da Lei n.º 11.274 de 06 fevereiro de 2006, que passou a duração do Ensino Fundamental de oito para nove anos, com o ingresso obrigatório das crianças aos seis anos nas redes municipais, no Distrito Federal e nos Estados.

As orientações do MEC foram no sentido de que, tendo em vista que estas crianças adentraram um ano mais recente no Ensino Fundamental, tornando-se imprescindível às instituições procederem às alterações que se fizessem necessárias, tanto nos aspectos metodológicos como organizacionais. As alterações demandadas foram respaldadas com publicações da Resolução nº7 de Dezembro de 2010, fixou as Diretrizes Curriculares Nacionais ao Ensino Fundamental de nove anos no art. 32 pode se observar.

Art. 32. O Ensino Fundamental obrigatório, com duração de nove anos, gratuito na escola pública, iniciando-se aos seis anos de idade, terá por objetivo a formação básica do cidadão mediante a Lei n.º11.274 de 2006.

I – O desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como os meios básicos o pleno domínio da leitura da escrita e do 2006.

II – A compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia e das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade;

III- O desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores;

IV- O fortalecimento dos vínculos de família dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social (BRASIL, 2010).

No decorrer dos séculos, desde a chegada dos Jesuítas e até os dias atuais, muitas mudanças ocorreram, muitas leis foram criadas e modificadas. Algumas foram realmente postas em vigor, outras só ficaram no papel. O fato é que ainda temos muito a melhorar quanto à Educação oferecida às crianças e aos jovens neste País. Uma Educação humanizada que seja utilizada tanto para a comunidade indígena, para afrodescendentes, ou seja, para os “diferentes” com significado, com engajamento, com valorização e com diálogo, com reflexão, na busca do conhecimento prévio, com correr riscos e, assim, possibilitar a interação social com os sujeitos da aprendizagem.

3.2 O trabalho docente e a metodologia de ensino por projetos

Assim como os pássaros que só aprendem a voar e adquirem habilidades fantásticas com as experiências práticas, quanto saem dos ninhos ou são liberados das gaiolas, os alunos podem, por ilação, aprenderem também fora da escola, para isso precisam ser motivados e orientados.

A sociedade atual, além das mudanças econômicas, no processo produtivo com a automação, no mundo do trabalho, na cultura, na política, também está envolvida em uma intensa e poderosa rede de comunicação, que gera mudanças profundas nas formas de acesso à informação, ao conhecimento e também, de maneira permanente, no processo de ensino e de aprendizagem.

A comunicação, de mãos dadas às tecnologias digitais de informação e comunicação, nos proporciona diferentes vivências teóricas e práticas, no cotidiano dos cidadãos. Nessa direção, Castells (1999) chama a atenção para:

[...], um novo sistema de comunicação que fala cada vez mais uma língua universal digital tanto está promovendo a integração global da produção e distribuição de palavras, sons, e imagens de nossa cultura como personalizando-os ao gosto das identidades e humores dos indivíduos. As redes interativas de computadores estão crescendo exponencialmente,

criando novas formas e canais de comunicação, moldando a vida e, ao mesmo tempo, sendo moldada por elas (CASTELLS, 1999, p.40).

Os pesquisadores e profissionais da Educação entendem que apenas informações para que crianças, jovens e adultos são insuficientes para que possam participar de modo integrado e intervir na sociedade. As informações, constantemente repetidas, memorizadas e reproduzidas, como acontecem nas redes sociais, geram manutenção do *status quo*, nas relações de poder e de dominação e colocam os estudantes na condição de espectadores do mundo.

No entanto, a sociedade industrial e capitalista exige, cada vez mais, profissionais que pensem, sintam e ajam de modo cada vez mais amplo e profundo, comprometidos com as questões de sua comunidade e de seu entorno. E é nessa direção que entendemos e acreditamos que a aprendizagem baseada em projetos tem muito a contribuir para a Educação e para motivar os alunos a agirem na solução dos problemas locais.

Historicamente, segundo Monteiro (2019), a formação de profissionais da Educação está baseada em metodologias conservadoras, altamente influenciada pelo cartesianismo e, por esta razão, fragmentada e reducionista. Nesse aspecto, o processo ensino-aprendizagem se torna contaminado, pois apenas reproduz o conhecimento, que foi transmitido pelo professor e, ao aluno, cabe repetir ou reproduzir a mesma coisa indefinidamente. Essa é a Educação denominada de tradicional, muito presa ao livro didático, que introduz pouca inovação ou dá oportunidade para a criatividade dos alunos.

Cabe à escola, como uma de suas funções, juntamente com os profissionais da Educação e comunidade escolar, atuar colaborativamente para o desenvolvimento de processos interativos que visem a mudar esse panorama. Nesse sentido, já nos advertia Freire (2008) que “[...] O educador precisa saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”.

O processo educativo, como um conjunto de ações e atividades, deve ser baseado em metodologias que permitam atender aos objetivos propostos pela comunidade escolar. Nérici (1978, p.284) entende “[...] a metodologia do ensino como um conjunto de procedimentos didáticos, representados por seus métodos e técnicas de ensino”. Esse conjunto de métodos aplicados tem a intenção de alcançar os objetivos do ensino e de aprendizagem com qualidade, de forma eficaz e alcançar o máximo de rendimento ou aprendizagem dos alunos e o desenvolvimento da sociedade.

A Educação, assim como as diversas formas ou metodologias de ensino, são as dinâmicas e passam por mudanças continuamente. As transformações ocorridas na sociedade

industrial e globalizadas acarretaram profundas alterações na forma de ensino. Nesse sentido, Vaillante e Marcelo (2012) chamam a atenção para as essas profundas transformações que atingiram nossa sociedade e também para a imediata necessidade de modificar as tradicionais formas de ensinar, de aprimorar constantemente as práticas e os saberes docentes, com ações motivadoras, inovadoras e que tragam soluções para os problemas sociais.

Os debates sobre as práticas e os saberes docentes têm-se multiplicado nas últimas décadas e também são generalizados como objeto de pesquisas em todo o mundo. Esse fenômeno parece ter surgido pelos grandes interesses pela profissionalização do ensino e dos docentes, bem como de suas práticas educativas e nos levam a refletir sobre o fato de esses saberes não se reduzirem apenas à transmissão de conhecimento aos alunos, mas, sobretudo, a um conjunto de fatores que são construídos e adquiridos com a formação, com as experiências, com as vivências e com habilidades específicas adquiridas por meio das práticas ao longo do tempo (CUNHA, 2007; TARDIF, LESSARD, LAHAYE, 1991).

Conforme nos ensina Tardif (2002), os saberes docentes são adquiridos e construídos em um processo contínuo de aprendizagem, em que o professor aprende de forma progressiva e, com isso, se insere, domina e transforma seu ambiente de trabalho, com vistas à melhoria do processo de ensino e de aprendizagem.

Dessa forma, pode-se dizer que os saberes docentes são constituídos por um conjunto de conteúdos dinâmicos e passíveis de serem modificados. Na visão de Tardif (2002, p.18), o saber envolve, além do conhecimento, um “saber-fazer bastante diverso”, proveniente de diversas fontes e de naturezas diferentes, sendo, por isso mesmo, considerado “plural, composto, heterogêneo”. O autor destaca, também, que o “saber está a serviço do trabalho”, uma vez que os professores utilizem diferentes saberes em função das condições, das práticas, das situações e recursos ligados à lide docente, com o objetivo de enfrentar e solucionar diferentes problemas de aprendizagem ou situações em seu cotidiano.

Em outro trabalho, Tardif (2000) ressalta a importância de uma boa formação dos educadores, especialmente para as práticas inovadoras e entende que os saberes profissionais dos docentes são plurais e heterogêneos. Segundo o autor, são assim, porque são oriundos de diversas fontes, podem advir da cultura pessoal do professor, da sua história de vida pessoal, da experiência escolar anterior, dos conhecimentos disciplinares adquiridos na universidade e em sua formação profissional inicial.

Podem fazer parte desse acervo, também, os conhecimentos curriculares provenientes de programas, de formações continuadas, de guias e de manuais escolares e, principalmente, da experiência adquirida com seu trabalho, sobretudo com a criação de práticas inovadoras,

como a metodologia por projetos, que é dinâmica e integra a escola, o docente e o aluno na solução de problemas da comunidade.

Apesar da aplicação da aprendizagem baseada em projetos ainda não ser adotada na maioria das escolas, ela não é nova. Já na no final da década 1980 era conhecida e trabalhada a partir da chamada "tematização". Hernandez (1998) afirma que o aluno aprende quando interage, toma atitudes diante das situações cotidianas, investiga, colhe informações e estabelece novas considerações e seleciona soluções adequadas para a resolução dos problemas identificados com os conteúdos estudados e a realidade local. O processo de ensino e de aprendizagem, por meio de projetos de intervenção, chama a atenção para o aspecto globalizador da Educação, destacando a resolução de problemas significativos que afetam a comunidade escolar.

As novas tendências pedagógicas apontam a necessidade da formação de um profissional crítico-reflexivo, capaz de transformar o processo de ensino aprendizagem, motivar os alunos, inseri-los na sua realidade social e transformá-la.

Para Dewey (1979), revolucionário na prática de trabalhos por projetos, a aprendizagem se faz nas investigações: formula as hipóteses, anota todos dados, cálculos, reúne o necessário para a solução dos conflitos cognitivos e, por fim, converte para a construção e ampliação de novas estruturas de pensamento.

Segundo Cool (1999), projetos é uma metodologia de trabalho que visa a organizar os alunos em torno de objetivos previamente definidos e de forma coletiva, por alunos e educadores que apresentam os conjuntos de procedimentos metodológicos de média ou longa duração de tarefas que atendem a um processo de envolvimento individual e social do aluno nas atividades empreendidas voluntariamente, por ele e pelos colegas sob a coordenação do educador. A Figura 1 apresenta o dinamismo da aprendizagem baseada em projetos.

Figura 1 Organograma da aprendizagem baseada em projetos



Fonte: Disponível em: <https://www.google.com/search>. Acesso em: 19 maio 2021.

O educador ativo e integrado identifica as situações problemas, introduz as problematizações e as respectivas orientações e faculta descobertas de novos olhares sobre a realidade, sobre os diferentes caminhos, conduz os alunos na compreensão dos significados, e possibilita, que ele faça a análise global do mundo externo da escola. Com isso, os educandos constroem os seus próprios procedimentos de compreensão e de solução de problemas.

A forma de se trabalhar com projeto deve ser colaborativa, motivar a participação e, com isso, abre a possibilidade de o aluno pensar, faz dos questionamentos e das discussões o despertar da criatividade para a solução dos problemas levantados, sai do espaço da sala de aula e caminha em direção à realidade social em que o conteúdo escolar e a vida são experienciados.

Para motivar os alunos, o tema escolhido para ser executado pelo projeto deve estar relacionado ao interesse deles e fazer parte de sua vida cotidiana, para adquirir significado, facilitar o desencadeamento da curiosidade pelo aprendizado. Em razão disso, o diálogo é fator importante. Para isso, conversas prévias com os educandos para sentir e entender o que eles gostariam que fosse abordado são indispensáveis.

Uma boa pergunta para nortear e motivar os alunos para terem sucesso na aprendizagem e na solução do problema estudado poderia ser, por exemplo, "O que eu gostaria que os participantes do projeto aprendessem com ele?" Um ponto importante para o sucesso da aprendizagem e solução do problema é a escolha do tema. Os temas a serem trabalhados nos projetos poderão ser escolhidos e, a partir de um problema que afeta a comunidade, a partir de uma notícia de jornal, de um filme, de um acontecimento, enfim de

algo vivenciado pelo aluno e que chama a atenção do grupo. Essas questões são fundamentais para o interesse, envolvimento e "implementação" completa do projeto.

Nessa abordagem, coloca-se em prática e na vida real o que foi sabiamente recomendado por Freire (1996)

[...] O professor desafia seus alunos com problematizações e não entrega conceitos prontos e acabados. A pergunta deve encaminhar para a liberdade, para a curiosidade e na busca de soluções para os problemas. Nesse aspecto, o professor passa a ser um mediador do processo de ensino e aprendizagem. (FREIRE 1996.p 15).

E continua o mestre da Educação afirmando que esse saber indispensável ao professor, de que ensinar não é transferir conhecimento, não só deve ser apreendido por ele e pelos educandos, mas também precisa ser constantemente testemunhado, vivido na realidade, como se propõe na metodologia de projetos.

Ensinar e aprender, para Freire (2003), são momentos de um processo mais amplo, em que o de conhecer implica reconhecer. Para isso, exige-se a compreensão da sociedade em que se vive, buscando continuamente a análise da estrutura social, política e econômica, a compreensão da Educação no contexto de crianças, adolescentes, jovens e adultos trabalhadores. Uma Educação capaz de permitir, antes da leitura da palavra, a leitura do mundo pelo reconhecimento crítico da realidade. Ler, não apenas os livros, mas o mundo, que é, para Paulo Freire, a possibilidade de decifração, interpretação crítica e analítica das situações limites, a partir da percepção do indivíduo e da maneira como este aprendeu a se relacionar no mundo e com o mundo. A partir dessa percepção pode agir para mudar o mundo.

Por ser uma atividade interdisciplinar, a metodologia de aprendizagem baseada em projetos, foca na construção coletiva e solidária de uma escola inserida na realidade e aberta a analisar e a intervir nas diferentes relações sociais, e econômicas e culturais do seu entorno. Por meio da problematização, estudo, reflexão e retomada das ações, na metodologia por projetos, o aluno passa a ser coautor e ator de sua aprendizagem e da solução de problemas. A interdisciplinaridade consciente e assumida na formulação, implementação e acompanhamento dos projetos, as eventuais resistências que separam as disciplinas ou professores são, praticamente, eliminadas.

A aprendizagem baseada em projetos é mais uma inovação no nosso processo de educar. É preciso que a escola busque o aprendizado dos sujeitos da Educação por meio da experiência e não ficar apenas na teoria descolada da prática. O que diferencia a metodologia é que cada projeto possui, além de uma ampla abrangência de conhecimento, apresenta

também uma enriquecedora diversidade de temas transversais que permitem inúmeras alternativas de atividades práticas e teóricas para todas as disciplinas.

Isso contribui para o enriquecimento do aprendizado, tornando-o motivador para todos envolvidos, como professores e alunos e, acima de tudo, verdadeiro, pois trabalha com a realidade local. A título de exemplo, podemos analisar o carnaval que ocorre anualmente e envolve milhões de pessoas em diversas atividades. Nele, é possível estudar a matemática da pontuação, a química das cores, a física das alegorias dos carros alegóricos, a história das escolas, os enredos, a origem étnica dos carnavalescos, as acrobacias dos/as bailarinos/as, bem como a parte artística da composição das cores, do samba enredo e da harmonia.

Enfim, todos os traços culturais formam um complexo harmonioso, integrado, artístico, cultural e — por que não? — social e econômico. Pode-se dizer que a metodologia por meio de projetos torna o aprendizado muito mais motivador, interativo, trata da realidade e portanto, uma atividade completa, leve, criativa e um aprendizado prazeroso.

Afirma Souza que esse é um trabalho comprometido com a transformação da instituição de ensino que auxilia na superação do fracasso escolar, pois se acredita nas possibilidades de sucesso de todos os alunos. É um processo que leva a turma a organizar, estabelecer as regras de convivência e de funcionamento, a gerir seu espaço, seu tempo, a construir saberes e competências com prazer e significados.

Favorece, assim, a construção de saberes e competências com prazer e significados criados em sala de aula para reflexão, discussão, tomada de decisão do trabalho em andamento, proporciona ao aluno, ainda, a implementação do seu compromisso com o social tornando o sujeito ativo e atuante em seu contexto social.

É muito difícil, de um momento para outro, começar a ter iniciativas e autonomia, sem ter tido anteriormente a oportunidade de decidir, escolher, opinar, dizer o que pensa, sente e deseja. Segundo Paulo Freire (2004), ao acolhimento, à vivência e à aceitação do outro dá-se o nome de “humanização”, caminhando, também, com o trabalho de integralidade do ser humano no conhecimento do mundo e do saber. O diálogo estabelecido a partir da práxis é a curiosidade que se externaliza na palavra, é problematização que vivifica e transforma em conhecimentos.

O tema gerador é uma das principais originalidades da pedagogia freireana e é o resultado da reflexão crítica em torno das situações limites, da codificação do universo em que se vai trabalhar, na tensão da dialética entre os nossos condicionamentos e nossa liberdade. Resulta no conhecer o mundo via investigações temáticas em que emergem os

temas geradores e nos dão condições para transformações. A contextualização da leitura do mundo e as possibilidades dos sujeitos em uma postura que estabelece abertura e humildade.

3.3 Ensino como prática social: cultura e lendas africanas

O continente africano exerceu grande influência na cultura brasileira, em razão da vinda dos escravos, contudo o “embranquecimento” da cultura relegou os estudos da História e da cultura africana ao abandono. Podemos acrescentar que o tráfico negreiro brasileiro perdurou durante 320 anos. Segundo Santos (2001), o Brasil foi considerado, mundialmente, o maior em números de escravizados. Estima-se em vinte milhões, sendo um dos últimos países a acabar legalmente com o tráfico negreiro, devido às pressões internacionais. A Figura 2 apresenta o mapa do Continente Africano.

Figura 2 Continente africano



Um dos meios utilizados para justificar essa prática foi a noção de desigualdades inatas, o que ratificou a escravidão e as explorações do homem pelo homem. Apesar de cientificamente desmascaradas em meados do século XX, a crença de superioridade biológica fez parte da construção social brasileira forjada nas tensas relações entre brancos e negros, muitas vezes, simuladas como harmoniosas. Segundo o Conselho Nacional de Educação,

[...] O termo raça foi e ainda é utilizado com frequência nas relações sociais brasileiras, para informar como determinadas características fenotípicas, como cor de pele, tipo de cabelo, influenciam e até mesmo determinam o lugar social dos sujeitos no interior da sociedade brasileira (BRASIL, 2004, p. 1)

Contudo, com o propósito valorizar a própria História, por meio do conhecimento dos antepassados, criou-se a Lei n.º 10.639/2003, que institui a obrigatoriedade do estudo da História e cultura da África e afro-brasileira e foi o marco no processo de implementação das políticas de ações afirmativas para a população afrodescendentes no Brasil. A sanção da mencionada lei revela a persistência do racismo no âmbito escolar e da dificuldade de extirpar, arrancar pela raiz, em particular, nos estabelecimentos de ensino brasileiro e eurocêntricas que se cristalizam e se naturalizam.

Sobre a Lei n.º10.639/2003, Silva, Silva e Silva (2012) afirmam que:

[...] Traz o ensejo de ser quebrado esse silêncio. Discutir sobre histórias e a cultura africana são abordar crenças ancestralidade, diferença e racismo. A escola como parte integrante na formação social e identidade dos estudantes, deve modificar a prática pedagógica incluindo a questão. Porém as instituições escolares deveriam ter cuidado como de fato realizará a temática nas disciplinas matérias, abrange as finalidades e divergências entre os diversos atores sociais envolvidos, ou seja, professores e estudantes direção escolar pais e funcionários (SILVA; SILVA; SILVA, 2012, p. 2).

O preconceito incutido na cabeça do professor e sua incapacidade de lidar com a diversidade, somando-se ao conteúdo preconceituoso dos livros didáticos e materiais didáticos e as relações preconceituosas entre alunos diferentes ascendentes étnicos, sociais a outros, desestimulam o aluno negros e prejudicam seu aprendizado (MUNANGA, 2001. p. 8)

As consequências dessa Educação que discrimina e separam a população negra adquire baixo nível de escolaridade, o que projeta e ratifica a exclusão no mercado de trabalho e na sociedade. Nesse contexto, a realidade escolar reflete o comportamento da sociedade, reforça o preconceito racial e exclui os negros dos direitos sociais.

As escolas, até antes da Lei n.º10.639/2003 silenciavam o racismo e, muitas vezes, retratavam os negros como sinônimo de seres inferiores. Cavalheiro (2000) afirma que

A existência do racismo do preconceito e da discriminação raciais na sociedade brasileira, e em especial, no cotidiano escolar autorrejeição desenvolvimento de baixa autoestima com ausência de reconhecimento capacidade pessoal, rejeição ao seu outro igual racialmente; timidez, pouca ou nenhuma participação em sala de aula ausência de reconhecimento positivo de seu pertencimento racial, dificuldade no processo de aprendizagem recusa em ir à escola e, conseqüentemente, evasão escolar. Para acarretam a cristalização de um sentido irreal de superioridade, proporcionando a criação de um círculo vicioso que reforça a discriminação racial no cotidiano escolar, bem como em outros espaços da esfera pública (CAVALHEIRO, 2000).

Nesse contexto de obrigatoriedade de se trabalhar estudo da História e cultura da África e afro-brasileira surgem a oportunidade de as escolas adotarem, em seus currículos, o trabalho com lendas africanas. Nessa perspectiva, é possível desenvolver, nos alunos, a consciência de ancestralidade negra e, com isso, propiciar momentos de respeito à diversidade cultural de maneira geral e, em específico, à cultura negra.

Ao analisar a BNCC - Base Nacional Comum Curricular, apesar de as fragmentações das disciplinas ainda existirem, é possível identificar que, nas diferentes áreas dos conhecimentos, a cada ano, há a possibilidade de estabelecer conexões; no primeiro momento, auxiliam os educadores na identificação de etapas que podem fazer parte de um projeto.

Essa é sugestão para um primeiro contato com a proposta, pois, como encontramos nas literaturas especializadas, os projetos devem ser, dentro do possível, autores, segundo a necessidade e da curiosidade dos estudantes sobre uma determinada temática. Em uma abordagem sustentada, no entanto e em tempos de BNCC e sua implementação, focaliza-se olhar importante e desenvolvendo situações em sala de aula, o primeiro passo para adoção.

Sobre o ensino da História africana em sala de aula brasileira, Felipe (2010) propõe que a Educação escolar ensine os aspectos da História e da cultura africana no ambiente escolar e hábito de leitura tanto ao docente e discente, a literatura é uma ferramenta de comunicação e interação, em que se pode considerar uma forma de manifestação artística e essencial no processo de formação cultural e social de um povo. A literatura compreende-se por um conjunto de histórias fictícias que retratam realidades criadas por autores/as em determinados lugares.

A leitura tem função de importância para o ser humano, o poder de transformação e a expressão do indivíduo para a sua autoconsciência de caráter humanizado, além de exercer um papel diante da sociedade. Segundo Cosson (2006),

Na leitura e na escrita do texto literário encontramos o senso de nós diz que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborado ela é a incorporação do outro em mim

podemos ser outros, podemos viver como outros, podemos romper limites do tempo e do espaço de nossas experiências e, ainda assim, sermos nós mesmos. (COSSON, 2006)

Na abordagem de obras literárias em relação à literatura africana, é muito pouco trabalhada, na maioria das vezes não há recursos que proporcionem um estudo mais profundo sobre a cultura Africana. Às vezes, o professor se prende aos livros didáticos que, infelizmente, não apresentam reformulações em que passa obter conteúdos capazes de melhorar a qualidade do ensino. Isso dificulta o aprendizado em sala de aula, que é caracterizando sempre mesmice e torna desconhecidas as questões sobre culturas de povos diferentes e faz com que esses educandos se tornem pessoas ignorantes e preconceituosas

Sendo assim, o ambiente escolar, com as contribuições dos professores com espaços para estimular os desejos dos alunos na leitura, é preciso saber quais são essas leituras que foram apresentadas, bem como qual a intenção nas escolas são apresentadas histórias que irão propor formação de conhecimentos repetitivos clássicos como Chapeuzinho Vermelho, Branca de neve, Cinderela, são narrativas que têm contribuído para a formação leitores/as é necessário apresentação de novas culturas na leitura uma inclusão de novidades nas análises literárias, é preciso renovar e envolver expressividade do cotidiano dos leitores, quando se relaciona um cotidiano proposto pela história e pela imaginação do leitor. Na próxima seção, é apresentado o caminho metodológico para realização desta pesquisa.

4 METODOLOGIA

A trajetória trilhada nesta pesquisa apoiou-se em pilares acadêmicos como Fonseca (2002), para quem a metodologia é o estudo da organização, dos caminhos a serem percorridos, para se fazer ciência. Demo (1985) entende metodologia como o estudo dos métodos e especialmente dos métodos da ciência. Dessa forma, pode-se dizer que metodologia significa o estudo dos caminhos, dos instrumentos utilizados para fazer uma pesquisa científica.

A desigualdade econômica e a social se refletem no sistema educacional. Assim, ao lado de uma elite bem educada, formada em boas escolas, encontra-se uma população analfabeta ou semianalfabeta que não conseguiu ingressar no sistema escolar ou foi dele excluída precocemente (WEREBE, 1997, p. 283)

No produto final entregue à Universidade, faremos uma intervenção com alguma representatividade, de cidadão negro e buscar na Lei n.º 10.639/03 a valorização da História, da cultura e da identidade dos afrodescendentes e o trabalho com as lendas africanas.

A Lei Federal n.º 10.639/03 implica a valorização e a diferenciação dos grupos que compõem a sociedade brasileira, desconstruir o mito da democracia racial e combater atitudes preconceituosas da própria escola. Esse reconhecimento e valorização implicam criar condições para os alunos afrodescendentes permanecerem nas escolas e tenham rendimentos iguais ou maiores em relação aos alunos brancos; propiciar condições que contraponham desqualificação racial, por meio de apelidos depreciativos, brincadeiras, piadas de mau gosto que sugerem incapacidade, ridicularizam os seus traços físicos e a textura do cabelo e fazem pouco caso das religiões de raízes africanas.

Segundo Hoosk (2013, p. 61) relata em suas aulas, a forma de tratar e de reconhecer as mudanças de paradigmas e falas os desconfortos, para os alunos nativos não se distanciarem dos colegas nem magoá-los.

A sugestão do trabalho em colaborativo interdisciplinar é que se usem as unidades didáticas nas aulas da Língua Portuguesa, um local diferente da sala, para o trabalho com os alunos, e transformar as desigualdades dentro da escola, utilizando o PPP de maneira a cumprir a Lei n.º 10.639/2003

Minayo (1997, p. 44) define e detalha metodologia como: a) a discussão epistemológica sobre o “caminho do pensamento” que o objeto de investigação requer; b) a apresentação adequada e justificada dos métodos, técnicas e dos instrumentos operativos que

devem ser utilizados para as buscas relativas às indagações da investigação; c) e a “criatividade do pesquisador”, ou seja, a sua marca pessoal e específica na forma de articular teoria, métodos, achados experimentais, observacionais ou de qualquer outro tipo específico de resposta às indagações específicas.

Nesse sentido, Demo (1985) entende o método como o modo de proceder, a maneira de agir, o meio propriamente. Os métodos científicos transformam-se no decorrer da História e também são adaptados pelos estudiosos aos contextos em que a pesquisa é realizada.

Constituiu universo desta pesquisa a obtenção de dados sobre a Educação no Município de Uberlândia, Minas Gerais, o processo de elaboração dos Projetos Políticos Pedagógicos, a participação, por meio de entrevistas, de nove professores da Educação Básica e a experiência de décadas, da pesquisadora, no ensino e gestão escolar.

Dessa forma, trouxemos à prática a concepção de Macedo (2010) que afirma “As pesquisas de campo de inspiração qualitativa realizam uma verdadeira ‘garimpagem’ de ações, realizações e de sentidos e estão interessadas acima de tudo com o vivido impregnado da cultura daqueles que os instituem” (MACEDO, 2010, p. 87).

A prática da pesquisa qualitativa ganha sentidos diferentes, pois busca traduzir e expressar as observações feitas no mundo real. É exercida ao longo do seu desenvolvimento e dela faz parte a descrição direta do contato interativo do pesquisador com o cotidiano e o objeto de estudo.

Diante da natureza deste estudo, a pesquisa qualitativa auxiliou na obtenção de dados e de informações importantes que permitiram compreender a complexidade das questões pedagógicas da Educação, pois, de acordo com Bogdan e Biklen (1994, p. 13) “[...] A pesquisa qualitativa envolve a obtenção de dados descritivos no contato direto do observador com a situação estudada e enfatiza as perspectivas dos participantes”.

Mais à frente, a abordagem qualitativa foi escolhida para nortear a pesquisa. Bogdan e Biklen. Somente assim, por meio do convívio e da interação com outros educadores, e da experiência como professora e como gestora, foi possível entender e analisar a realidade observada.

As experiências em sala de aula, como gestora, participante da elaboração de PPPs em diferentes escolas, as conversas e entrevistas realizadas com liberdade de opiniões, interativas e participativas aconteceram em diversos momentos da pesquisa. As conversas se deram de forma natural e descontraída, sem nos esquecer dos princípios éticos no decorrer de todo o processo, assim como também ocorreu durante a coleta de dados sobre a Educação em Uberlândia.

Com a finalidade de sistematizar as entrevistas e não perder o nexo das questões a serem discutidas com os participantes e não desviar do objetivo da pesquisa, seguiu-se um “guião”, como sugerem Quivy e Campenhoud (2005, p. 193), é suporte “[...] no qual se incluem uma série de ideias que devem ser conduzidas de forma aberta e flexível”. A organização do guião objetivou buscar informações concretas a respeito do processo de aprendizagem, por meio de projetos em que os alunos discutem com os professores questões e problemas reais e, juntos, buscam soluções e apresentam resultados. O objetivo foi criar um ambiente inovador, colaborativo e dinâmico, capaz de ressignificar a aprendizagem dos alunos.

Pesquisei, refleti criticamente e descrevi detalhadamente o que foi observado, pois como afirmam Bogdan e Biklen (1994, p. 47), “[...] s investigadores introduzem-se e despendem grandes quantidades de tempo em escolas, famílias, bairros, e outros locais tentando elucidar questões educativas”. Procurou-se, de forma objetiva, durante todo o percurso de observação e registro do objeto em estudo, como sugere Macedo,

[...] De nada adiante produzir pesquisa qualitativa qualificada sem que seus efeitos possam trazer modificações expressivas em seu meio de atuação. Uma pesquisa qualitativa, então, só faz sentido quando sua força constituída provoca mudanças no meio de sua atuação, seja através da simples leitura de publicações, seja pela assimilação metodológica de seus elementos expressivos, que podem dar margem a novas formações conceituais, metodológicas de técnicas [...] (MACEDO, 2009, p. 37).

Os dados e as observações durante a prática profissional e elaboração dos Projetos Políticos Pedagógicos, os detalhes cotidianos, os inúmeros diálogos com os participantes, e as análises críticas foram imprescindíveis e, ao mesmo tempo, indispensáveis para descrever o fenômeno. Isso sem desagregar a experiência, nem prejudicar a realidade de tal fenômeno, que finalmente irão compor as sínteses e conseqüentemente a conclusão, oferecendo, assim, uma contribuição mais efetiva à pesquisa, a uma Educação inovadora, participativa, inclusiva e de qualidade.

Para a pesquisa, utilizou-se a observação da sala de aula, levantamento bibliográfico; seleção das atividades da escola; aplicação de questionários para os professores de Língua Portuguesa, Matemática e Ciências. A pesquisa apresenta riscos como tudo que envolve ser humano, mas foram tomadas todas as providências para que o sigilo dos participantes fosse preservado. Os questionários foram anônimos e, depois de um ano, serão incinerados.

4.1 Os locais da pesquisa

O Município de Uberlândia situa-se no Triângulo Mineiro, distante 537 quilômetros da capital Belo Horizonte, com população estimada, pelo (IBGE) - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, em julho de 2020, de 699 097 habitantes. É o município mais populoso da região do Triângulo Mineiro e o segundo mais populoso de Minas Gerais. A Figura 03 apresenta o mapa, que mostra a localização de Uberlândia e as Regiões que compõem o Estado.

Figura 3: Mapa de Minas Gerais em que se mostra a região de Uberlândia

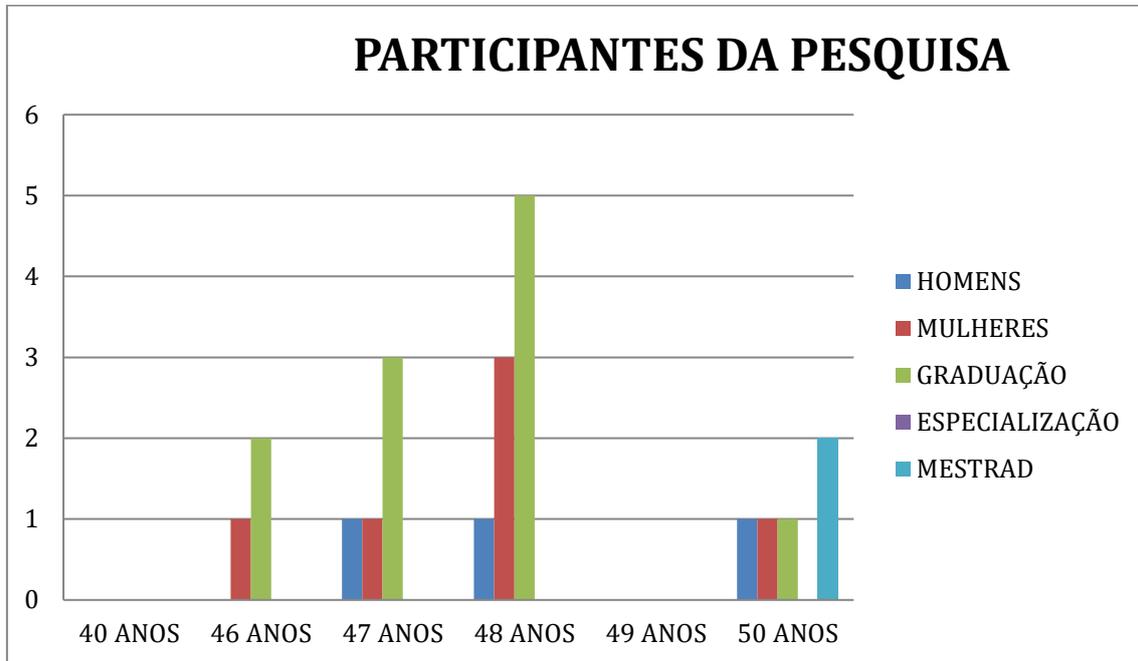


Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/640496378242345162/>. Acesso em: 22 fev. 2021.

Segundo a Secretaria de Educação de Uberlândia, (2021), o município possui 67 Escolas Municipais de Educação Infantil, 44 Escolas conveniadas com Organizações Não Governamentais - ONGs de Educação Infantil e 55 Escolas de Ensino Fundamental.

4.2 Participantes da Pesquisa

Gráfico 1 Participantes da pesquisa



Fonte: a autora

Os Quadros 2 e 3 apresentam dos dados dos participantes da pesquisa

Quadro 2 Participantes da Pesquisa

Feminino	Masculino	Raça/cor	Escolaridade	Rede/PM/SRE	EFI/EFII/EM
	P1	Branco	Pós Graduação	SRE	EFII/EM
P2		Negra	Pós Graduação	SRE	EFI/EFII
P3		Negra	Pós Graduação	SRE/PM	EFI
P4		Branca	Pós Graduação	SRE	EFII/EM
P5		Branca	Pós Graduação	SRE/PM	EFI/EFII
	P6	Branco	Pós Graduação	SRE/PM	EFII
P7		Negra	Pós Graduação	SRE	EFI/EFII
	P8	Pardo	Mestrado	SRE	EFII/EM
P9		Branca	Pós Graduação	SRE/PM	EFII/EM

Fonte: A autora

Quadro 3 Professores que utilizam aulas tradicionais/aulas por metodologias de projetos

Feminino	Masculino	Raça/cor	Rede SRE/PM	Aulas Tradicionais	Metodologia Por Projetos	Concursados Designados
	P1	Branco	SRE		X	Concursado
P2		Negra	SRE		X	Designado
P3		Negra	SRE/PM		X	Designado
P4		Branca	SRE		X	Concursado
P5		Branca	SRE/PM	X		Designado
	P6	Branco	SRE/PM		X	Concursado
P7		Negra	SRE		X	Designado
	P8	Pardo	SRE		X	Designado
P9		Branca	SRE/PM		X	Designado

Fonte: A autora

Os participantes da pesquisa são docentes que buscam aprimoramento para ministrar suas aulas; têm preocupações com a formação os conhecimentos os títulos os participantes todos com curso de especialização, sendo dois mestres. Os profissionais valorizam saber sobretudo são colaboradores com a prática das pesquisas.

Segundo Libâneo, 1996,

[...] Para construir Potencial para elevar a qualidade da prática escolar, assim como para elevar a qualidade da teoria. Esse entendimento implica uma reorientação da pesquisa em didática e tomar o ensino escolar enquanto uma prática social, e nas demais ciências da educação, tomar a educação enquanto social para, então, se construir novos saberes pedagógicos (LIBÂNIO, 1996 .

Então vemos que a questão da importância da teoria as investigações sobre professores reflexivos colocam entre a formação e profissional os saberes específicos da docência, bem como as condições e a valorizam o trabalho dos professores como sujeitos de transformações na escola e na sociedade. O que vemos inseparável entre a formação, na docência as condições de trabalhos as duplas jornadas, gestão escolar uma formação ou capacitação dos professores/as com currículo interdisciplinar.

A formação de professores na tendência reflexiva se configura como uma política de valorização do desenvolvimento pessoal e profissional dos professores e das instituições escolares, uma vez que supõe as condições de trabalho com transformações de conhecimento trazendo uma dinâmica de sociedade colaborativa e humanizada, nas transformações no mercado produtivo, formação dos alunos, crianças e jovens, também eles em constante processo formação cultural, de valores entendida como mudança de visão.

A pesquisa aponta os perfis de alguns professores /as que responderam as indagações da pesquisadora a importância de se trabalhar a metodologia de projeto no sexto ano da

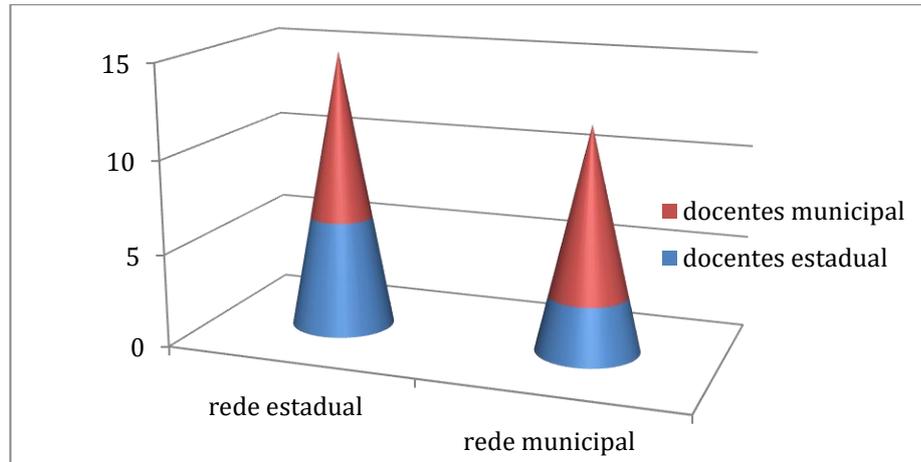
Educação Básica. Envolvendo os alunos na interação do conhecimento e saberes e buscando uma interação no intuito de superar as desigualdades sociais e também as escolares.

As observações, o fornecimento de dados e a participação nos debates e o compartilhamento de anotações de PPP tiveram as contribuições especiais de nove colaboradores, sendo seis participantes do gênero feminino e três do masculino. A idade dos participantes está na faixa etária de 36 a 50 anos, todos com experiência na Educação Básica e defensores de uma Educação mais participativa, com práticas educativas inovadoras e solidárias.

O nível de formação acadêmica dos participantes do processo revela uma qualificação diferenciada, um tem Mestrado e os demais possuem, além da Graduação, alguma pós-Graduação *lato senso*. O tempo de exercício tanto na rede estadual quanto na municipal é de 10 a 25 anos de experiência. Todos os colaboradores dos dados e de informações são concursados nas redes estadual e municipal há mais de cinco anos, portanto, com experiência em planejamento, em ensino e em práticas educativas participativas. O Gráfico 1 ilustra os professores das redes públicas e particulares de ensino.

Com o objetivo de preservar a identidade dos sujeitos das observações, que forneceram dados e informações, ou seja, os professores, foram representados por uma letra (P) seguida de um número de um (P₁) a seis (P₆), para facilitar aos pesquisadores, as análises e também compor, como observado, a proposta de intervenção.

Gráfico 2 Apresentação dos professores da rede municipal e da rede estadual.



Fonte: Dados da pesquisa

O professor P₁ trabalha na rede Estadual há 25 anos, leciona a disciplina de História para o sexto ano. Ele disse que há dez anos, aproximadamente, fez pós-Graduação em Ciências da Religião e é concursado no Estado há cerca de cinco anos.

A professora P₂ atua nas redes estadual e municipal com a disciplina de Ensino Religioso, é professora nas séries iniciais, possui Graduação em Pedagogia, Pós-Graduação Educação Especial e em Ensino Religioso e atua na Educação há cerca de quinze anos.

A professora P₃ leciona nas séries iniciais do Ensino Fundamental, primeiro ao quinto ano, na rede estadual.

A professora P₄ leciona a disciplina de História, Filosofia e também Sociologia, tem Especialização em Ciências da Religião, foi vice-diretora, concluiu o curso de Direito, mas não atua como advogada e diz que ama lecionar.

A professora P₅ leciona, no sexto ano, a disciplina de Ensino Religioso no estado e atua na supervisão na rede municipal e tem 22 anos na Educação.

O professor P₆ leciona a disciplina de arte no estado e no município ele atua na Educação Especial, atua na área da Educação, aproximadamente, por quinze anos, como designado no estado e efetivo na prefeitura.

A professora P₇ é pedagoga, tem especialização em Educação Especial, ministra a disciplina de Geografia no Ensino Fundamental II e também leciona nas séries iniciais do primeiro ao quinto ano. Já exerceu o cargo de vice-diretora e foi designada na rede estadual para as duas funções.

O professor P₈ atua na rede estadual e na municipal, leciona Língua Portuguesa em ambas as redes, sendo professor designado com a titulação de mestre, atua como professor há 28 anos e, atualmente, trabalha com projeto de tempo integral na rede estadual.

A professora P₉ atua nas redes estadual e municipal há 25 anos, com larga experiência na Educação no município.

A próxima seção apresenta a análise dos dados desta pesquisa.

5 ANÁLISE DOS DADOS

As observações e a coleta de dados foram realizadas por meio de questionário com professores das redes estadual e municipal de ensino na cidade de Uberlândia. Os debates ocorridos em grupos de pesquisa e de estudos entre os alunos do Mestrado Profissional em Educação, que também são professores, contribuíram para a reestruturação de uma proposta de Projeto Político Pedagógico para uma escola pública e foram fundamentais, também, para esta pesquisa.

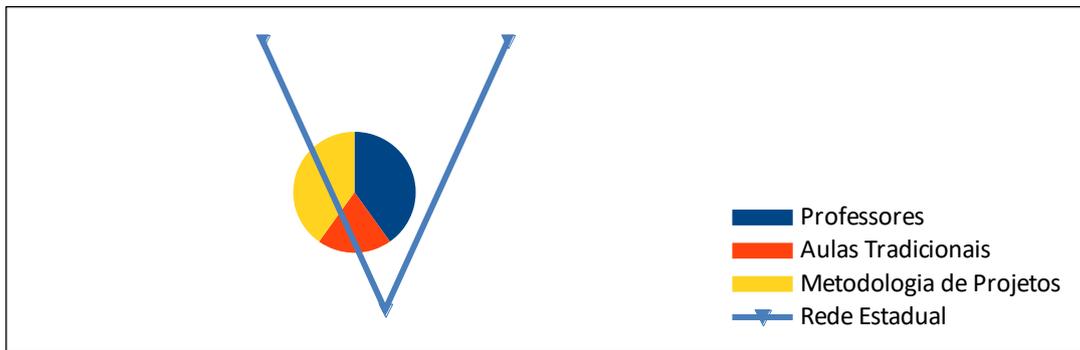
A pandemia provocada pela Covid-19 trouxe grandes problemas a todos nós, professores, pesquisadores, profissionais da Educação, assim como para toda a sociedade. Com o distanciamento social, surgiu a questão de como seria possível solucionar as questões teóricas e práticas e como realizar as entrevistas nesses tempos de isolamento. Um aspecto que poderia ser considerado positivo, é que estamos reinventando o processo ensino e de aprendizagem, aprendendo novas situações do fazer pedagógico e também estabelecendo novas formas de comunicação.

Para facilitar a compreensão do trabalho, os aspectos que fazem parte do pressuposto da pesquisa e dos objetivos, serão divididos em categorias, que passamos a analisar a seguir conforme os dados encontrados.

5.1 Aulas por metodologias de projetos

Foi perguntado aos docentes sobre a participação dos professores em relação à metodologia de ensino por meio de projetos, o que contrasta as aulas tradicionais com a aprendizagem por participação em projetos. O Gráfico 2 apresenta os resultados obtidos a partir desse questionamento.

Gráfico 3 Professores que utilizam aulas tradicionais versus aulas por metodologias de projetos



Fonte: Dados da pesquisa

Fica evidente que os docentes participantes, em maioria, adotam a metodologia de projetos, o que se configura como um processo de valorização do aluno como um ator no seu próprio processo de constituição de si mesmo e de aquisição do conhecimento.

Os docentes que contribuíram com a pesquisa sobre o Ensino Fundamental do sexto ano, dois que atuam nas redes Estadual e Municipal ao mesmo tempo afirmaram, com segurança, que sim, ao serem perguntados sobre a aprendizagem ao se aplicar a metodologia por meio de projetos. Eles acreditam na importância de investigarem juntos com os alunos os processos de aprendizagens, já que a essência, a riqueza do processo de aprendizagem ocorre nas interações entre os sujeitos envolvidos na Educação e na realidade.

Entendem, também, que a qualidade da teoria, da metodologia e dos objetivos é elemento de ações democráticas que qualificam os alunos para as futuras formações profissional e acadêmica, assim como destaca a valorização do trabalho em equipe, o enfrentamento das adversidades, o fortalecimento da cultura cidadã e emancipatória.

Quanto às aulas tradicionais, a professora P₅ reafirma o desejo de permanecer com as aulas tradicionais. Segundo ela, essa prática traz segurança, contudo, ela diz que não desvaloriza a metodologia de trabalho por meio de projeto e afirma que vários professores conduziram essa aprendizagem com êxito.

Segundo os professores participantes, a metodologia de projetos pode conduzir a um diálogo com os alunos sobre o trabalho, direcionar o trabalho em equipe. A razão principal é a finalidade de se fazer coincidir com os objetivos e a finalidade dos trabalhos, explicar, compartilhar, deixar clara a importância do projeto para os alunos. As informações dos trabalhos, uma vez que estão relacionadas dentro e fora da escola, promovem um intercâmbio entre os membros dos grupos e as informações necessárias.

Os dados apresentados pela professora P₃ fazem um alerta sobre um aspecto que pode se tornar negativo nas práticas dos projetos. Quando os trabalhos não ficam bem elaborados ou quando não há participações ativas e envolvimento das equipes, os resultados das atividades dificilmente serão satisfatórios. Os projetos são para direcionar os alunos aos trabalhos colaborativos, e todos ganham com as experiências, tanto alunos como professores. A criação de hábitos é importante, as rotinas na sala de aula, a organização dos grupos de trabalhos, inclusive, ressalta a necessidade de solidariedade, para o trabalho em equipe, assim como o respeito e o diálogo.

A professora P₅ mencionou muitos problemas, não devidos ao trabalho por metodologia de projeto, mas em relação aos colegas, porque alguns não têm engajamento no trabalho por metodologia de projeto, não atendem às exigências de estudar para acompanhar os alunos, de trabalhar em interdisciplinaridades entre as disciplinas. Nos grupos de estudos, não se encontra apoio. Lá se relatam ao grupo sugestões de trabalho, mas a equipe fica dividida entre acatar as sugestões ou não. Muitos professores não gostam dessas atividades.

A professora leciona, em seus relatos, que já trabalhou com a metodologia de ensino por projetos, entretanto acha muito difícil devido às questões de preparar as aulas e, no trabalho em equipe, muitas vezes as contribuições dos colegas não acontecem, pois há professores que não trabalham em equipe.

Ela concorda com a ideia de que a metodologia por projeto é muito boa, mas, na escola em que ela trabalha, essa estrutura vira “bagunça”, pois os alunos não estão acostumados com esta metodologia e qualquer situação produz “brechas” para divagações, algazarra na sala e o trabalho não aparece. As brincadeiras são tantas que os alunos não conseguem ouvir a voz dos professores.

A professora é pedagoga e atua no Estado há quinze anos e tem experiência com metodologia por meio de projetos com os alunos. Ela relacionou alguns problemas em relação às atividades interdisciplinares, pois considera o trabalho em equipe complexo e de difícil execução. Quanto ao trabalho com os alunos, afirma que usa, com toda a certeza, a sensibilização dos discentes para orientá-los sobre a importância do projeto e também para que haja uma boa interação entre todos os participantes.

A professora P₇ trabalha com a sequência didática, com *slides*, no Power Point, sobre os temas apresentados, sobre os conteúdos estudados e pesquisados em sala de aula. Ela disse que, por isso, vê como um trabalho interdisciplinar com o professor de Português, um mediador no trabalho escrito e na leitura. Os discentes usam o dicionário no estudo da escrita e buscam o auxílio da professora de Língua Portuguesa para escrita dos trabalhos.

O professor P₈ faz inferências sobre o aluno ser protagonista do trabalho e os professores serem pontes na condução da metodologia de ensino, por meio de projetos. Foi apresentado ao professor de Língua Portuguesa o trabalho com lenda africana. Ele ressaltou a importância do tema para os alunos do sexto ano, que o futuro profissional tendo conhecimento desse assunto e sendo qualificado entenderá melhor a sociedade e sua cultura.

A professora P₉ afirmou que gosta de trabalhar no estado, lecionou a disciplina da Língua Portuguesa e também Inglês durante vários anos. Acha muito interessante o trabalho por metodologia de projeto tanto no Português quanto no Inglês. Para ela, as disciplinas têm harmonia com a metodologia de projeto. Ela faz o registro de suas atividades, mencionando o significado do trabalho colaborativo em que os alunos fazem as interações e procuram relacionar o objeto de estudo com seu produto final, assim, mediando os discentes, relacionando teoria e prática.

Quando os alunos se reúnem para as apresentações do produto, ou seja, os resultados das ações desenvolvidas, a exposição de ideias ela disse: “[...] quase morre de tanta alegria, ao observar o exercício do diálogo dos alunos e também a democracia do processo, da oralidade e os posicionamentos”. Ela disse que, depois das apresentações, ocorrem as brigas, afloram as vaidades próprias dos seres humanos. Ressalta que o importante para ela é que seus alunos sejam os protagonistas do processo de ensino e de aprendizagem, construam suas histórias e ampliem os saberes.

Para essa formação, ele usa os temas como o *bullying* e as lendas africanas como temáticas para identificar cenas do cotidiano social e escolar dos alunos e trabalhar com as práticas culturais, sobretudo atitudes antirracistas. ■ Ao ofertar aos alunos do sexto a possibilidade de uma visão pluricultural, permeadas de conhecimentos humanizados, por meio do conhecendo da História e das lendas africanas, aplicam o juízo de fato, que foram as ideias veiculadas sobre o assunto e juízo de valor que estão no caráter normativo da Lei nº10.639.

Os outros professores não veem problemas no processo de aprendizagem na metodologia por meio de projetos. Eles percebem como um dos fatores, as várias responsabilidades e diferentes abordagens dos estudos para mediar o trabalho com os alunos. Isso requer um leque maior de informações pedagógicas e socioeconômicas para o direcionamento dos alunos. Reconhecem que um dos elementos formadores para os alunos se tornarem pesquisadores é a metodologia por projetos, pois proporciona a teoria, a prática e a curiosidade, assim como a busca por pesquisar e esclarecer os fenômenos.

Os professores comentaram que, no trabalho por projetos, os alunos mais interessados e participativos tornam-se líderes. São aqueles que elaboram vários questionamentos, recolhem informações em casa, na comunidade e trazem para sala de aula. Dessa forma, o ambiente escolar se transforma em um laboratório de estudo e de pesquisa, produzindo informações, conhecimentos e soluções.

Quanto aos principais impactos causados aos alunos devido à transição do quinto para o sexto ano, Freire (2011) apresenta os elementos para a resposta

[...] A afetividade não me assusta, não tenho medo de expressá-la. Significa esta abertura ao querer bem a maneira que tenho de autenticamente selar o meu compromisso com os educandos, em uma prática específica do ser humano. Na verdade, preciso descartar como falsa a separação radical entre seriedade docente e afetividade (FREIRE, 2011, p. 138).

Diante dessa perspectiva, faz-se necessária a reflexão também sobre outras proposições de novas metodologias. As investigações em autores que apresentam contribuições sobre essas questões, Moran (2000), Behrens (2006), Hernandez (1999), Boutinet (2002) apontam para a metodologia de projetos como uma abordagem relevante para atender ao paradigma da complexidade. É necessária uma conexão com diferentes tendências pedagógicas, ou seja, uma abordagem progressista que leva ao diálogo, à argumentação e também à vivência coletiva.

Behrens (2005), destaca uma abordagem holística e do ensino com a pesquisa, que visa a uma totalidade e prepara o aluno para ser um pesquisador e analisar situações, sendo questionador, e aceitar os grandes desafios, sendo o sujeito da práxis construindo seu conhecimento.

Ensinar e aprender por projetos apontam as possibilidades de oferecer aos alunos outras maneiras de compreender a realidade e de produzir conhecimentos para as suas vidas. A intenção é favorecer o desenvolvimento de estratégias de indagação, de interpretação e de apresentação do processo, o que requer investigar um tema por meio de problema que, devido a sua complexidade, favorece o melhor conhecimento dos alunos, dos docentes, de si mesmos e do mundo.

5.2 Conhecimento, inserção e valor da metodologia de projetos

A partir das informações e dos dados coletados, foi possível conhecer e perceber o nível de conhecimento e o posicionamento dos professores em relação à metodologia de aprendizagem por meio de projetos. Os docentes, sujeitos participantes da pesquisa, apoiam o trabalho educativo, por meio da metodologia por projetos, foram colaborativos em relação ao fornecimento de dados e das anotações feitas durante a elaboração do Projeto Político Pedagógico das escolas em que atuam.

Segundo os dados e informações, eles veem autonomia nos estudantes no momento da seleção dos temas a serem trabalhados e também quando conseguem fazer as conexões das propostas dos professores e as implementações das práticas a serem desenvolvidas nos projetos.

O professor P₁ fez uma visita ao Museu dos dinossauros de Peirópolis e, pelo relatório da visita realizada com os alunos, é possível perceber um trabalho de interação e colaborativo entre os participantes da atividade e com o contexto das leituras dos autores citados na dissertação. Segundo Hernandez (2017, p.158), a visão pedagógica que trata de vincular as aprendizagens com o entorno físico, social e cultural próximo dos alunos, foi implementada nessa atividade educativa. Mesmo uma atividade pouco complexa apresenta-se como possibilidade de algumas melhorias, de criatividade nas condições do ensino para a aprendizagem e a convivência dos estudantes. As visitas complementares que se realizam servem para constar informações em torno dos trabalhos ou atividades realizadas.

A professora P₂ trabalha com a metodologia de projetos nas aulas de Ensino Religioso. As atividades em equipe são, para ela, processos de construção de aprendizagens em que os alunos colocam as suas vivências e propostas no trabalho escolar. Isso permite os confrontos, as articulações entre as totalidades e as partes. Ela disse que faz as observações a partir até mesmo do tumulto das falas, pois os alunos estão empolgados com a dinâmica das atividades e também estão em fase de aprendizagem com trabalhos em equipes na escola e fora dela, enfim, um rico processo de formação escolar e de cidadania.

A professora P₂ visualiza as interações dos alunos na metodologia, por meio de projetos como relevantes para os alunos, pois eles se tornam os protagonistas do processo de aprendizagem. Um aspecto negativo, segundo ela, é quando o professor é novato e ainda não tem interação suficiente com a equipe. Para ela, os professores iniciantes na escola não conseguem o apoio necessário dos colegas nem da gestão escolar para implementar práticas inovadoras. O trabalho com projetos requer domínio da metodologia, conhecimento da realidade e engajamento com os professores e alunos, pois ela é uma metodologia de trabalho coletivo e interdisciplinar.

O professor P₃ apresentou um relato sobre a metodologia por meio de projeto e afirmou que ela colabora para sua rotina na sala de aula, ajuda a criar hábitos de trabalho na sala de aula ou nos grupos de estudo, com respeito aos colegas, também contribui para superar os desafios do trabalho colaborativo. Já o professor P₆ enfatizou a importância de conscientizar os alunos sobre as mudanças de hábitos para o trabalho em grupo, seja na participação solidária e também para não perderem o foco no trabalho em andamento.

O professor P₆ ainda disse que, em sala de aula, o diálogo é um ponto constante, pois busca ouvir seus alunos. Busca também fazer suas colocações sobre a metodologia por meio de projetos o melhor para a vida escolar de seus alunos, a interação com outro saber, romper³ as barreiras, da individualidade aprender a trabalhar em equipe assim os obstáculos são rompidos.

O professor p₅ destaca a necessidade de sempre alertar os alunos sobre a importância do diálogo entre eles no trabalho, em todas as etapas do projeto para a sua formação escolar. Mencionou, ainda, que já trabalhou com metodologia de projetos, mas não gostou, pois achou difícil. Suas preferências são as aulas tradicionais, isto é, entrar, pegar o caderno, vamos fazer a leitura das atividades, filas indianas.

O professor P₅ afirmou, ainda, que quaisquer alterações na sala são motivo de muitas conversas até iniciar as atividades já acabaram os 50 minutos, as brincadeiras são constantes, alguns alunos têm muita má vontade de trabalhar na sala. Se abrir brechas para essas situações inovadoras as atividades não acontecem. E, depois, os professores são cobrados sobre os conteúdos e os rendimentos dos alunos. Ele concorda que seus alunos, de fato, aprendem por meio de metodologia de projetos, todavia percebe que os alunos do sexto ano são imaturos, portanto as brincadeiras indevidas ainda são constantes.

A professora P₇ relata que, nas atividades da metodologia por meio de projetos, sempre estabelece um prazo para a conclusão das práticas educativas, coincidindo com o fechamento de bimestres e com prazo para a apresentação dos trabalhos. Ela questiona a validade das avaliações diagnósticas, pois treinar os alunos para as avaliações externas interferem no bom desempenho dos trabalhos em sala de aula. E, ao olhar da professora, essas atividades não têm uma função educadora nem contribuem para a qualidade do ensino.

O professor P₈ destaca a metodologia por meio de projeto como sendo importante, pois reforça os mecanismos de interdisciplinaridade e direciona para o desenvolvimento de

³ Peirópolis é um distrito rural de Uberaba, localizado às margens da rodovia BR-262, a cerca de 20 km do centro da cidade.

uma Educação que valoriza a diversidade dos alunos e da sociedade e, paralelamente, promove o respeito mútuo.

O professor P₈ já trabalhou com metodologia por meio de projeto e ressalta a importância de sensibilizar os alunos sobre o trabalho com projetos, mostrar os pontos positivos e mostrar os resultados que possam ser alcançados com as ações a serem desenvolvidas. Destaca o trabalho interdisciplinar, desde que os alunos sejam protagonistas das ações, o professor será mediador, eles vão identificar-se com o trabalho, com a metodologia, com a solução dos problemas e, ao mesmo tempo, tornarem-se, de fato, minipesquisadores.

Os professores participantes da pesquisa apresentaram posições categóricas, dizendo que têm os conhecimentos adequados e necessários para o trabalho com metodologia de ensino por projeto. Os relatos e os documentos coletados evidenciam as práticas deles em sala de aula.

O professor P₁ mencionou que já trabalhou com a metodologia por meio de projeto e também acredita no trabalho interdisciplinar colaborativo com os alunos. Os pontos positivos, no seu ponto de vista, são: trabalho em equipe; as atividades por disciplinas são competitivas e dinâmicas; o projeto torna os alunos mais humanizados com a formação em equipes. Ele ainda menciona que, com essa forma de trabalho, os professores conseguem dar continuidade e sequência aos temas, além da construção de lideranças entre os alunos por liderarem boa parte das atividades.

Nesse sentido, na visão de Pimenta (1977, p.25), estamos entendendo que a Educação é um processo de humanização também dialógico e a construção da práxis que ocorre na sociedade, com a finalidade explícita de tornar os indivíduos participantes do processo civilizatório e responsáveis por levá-lo adiante. Como prática social, é realizada por todas as instituições da sociedade. Como processo sistemático e intencional, ocorre em algumas, entre as quais se destaca a escola.

O professor P₈ acredita no trabalho por metodologia de projetos, considera os mecanismos como momentos de interações dos grupos estarem próximos, o ato das narrativas das atividades dos alunos, o encontro das ideias com os pontos divergentes são situações de discursos e apresentações perante o público. Em síntese, são motivos de crescimento e de aprendizagem importantes e inesquecíveis pelos sujeitos da Educação. P₈ entende que os impactos acontecem devido às novas realidades e, portanto, precisam ser trabalhados, discutidos com os alunos, e os professores devem atuar como pontes de interconexões e prever essa etapa como a queda dos muros e de barreiras para as que as crianças superem as

dificuldades de adaptação, adquiram as habilidades e segurança para começarem bem o sexto ano.

A partir dos relatos das experiências dos professores, percebemos que, na metodologia por meio de projetos, a docência passa a ser vista como uma construção coletiva e transforma a prática de ensino e o cotidiano da vida social de todos que são sujeitos do processo educativo, tanto na escola como no seu entorno. Destacam a docência como sendo uma parte da História da sociedade, também responsável pela transmissão e desenvolvimento da cultura, entendendo o mundo como sendo construído e reconstruído pelo homem.

A Educação escolar, por sua vez, está assentada no trabalho dos professores e dos alunos, cuja finalidade é contribuir com o processo de humanização de ambos pelo trabalho coletivo e interdisciplinar na perspectiva de inserção social crítica e transformadora. A sociedade civilizada, fruto de obra humana, revela também uma sociedade contraditória, desigual em grande parte dos seres humanos que estão às margens dessas conquistas (PIMENTA, 2012, p. 25).

O professor P₁ entende que a metodologia por meio dos projetos rejeita a existência de pontos negativos. Nessas práticas, os trabalhos são colaborativos e ele acredita que o conhecimento acontece nas práticas, as interações, os trabalhos interdisciplinares são ótimas contribuições para a aprendizagem e para a construção do conhecimento. Os alunos desenvolvem o processo argumentativo durante a fase de discussão e de desenvolvimento do projeto na realidade prática em seus contextos socioculturais. Sendo assim, tornam-se participativos em todas as ações vivenciadas por eles e destacam a sua autonomia. O estudo da metodologia, da teoria a ser aplicada, o conhecimento da realidade e a execução do projeto são, também, atividades investigativas para os alunos.

Em relação aos processos pedagógicos sistemáticos, o professor P₁ diz entender como um trabalho competitivo caso as disciplinas e cada componente curricular sejam trabalhados separados ou independentemente uns dos outros. O trabalho interdisciplinar é colaborativo, interativo e complementar no processo de formação. O referido professor disse que as ações combinadas nos trabalhos funcionam bem nos grupos e durante a implementação dos projetos e que, geralmente, quando os trabalhos são desenvolvidos de forma coletiva, os problemas são menores durante as aulas.

5.3 Impactos para os alunos na transição do quinto para o sexto ano

A transição do quinto para o sexto ano deve ser observada como processo educativo e que faz parte do desenvolvimento do estudante, da família e do meio sociocultural, para que esse aluno possa passar por essa transição de forma que seu crescimento educacional não seja comprometido. Nesse primeiro momento, deve-se conduzir e incentivar esse aluno ao diálogo com os outros amigos, momento em que poderão compartilhar experiências vividas até o momento. É o espaço no qual o estudante precisa desenvolver sua autonomia e buscar sua maturidade.

O professor P₁ acredita que ocorram impactos causados na transição do quinto para sexto ano. Para ele, os maiores problemas ocorrem quando os alunos não conseguem acompanhar os conteúdos como os colegas, em contrapartida há os alunos que se destacam ao demonstrar seus conhecimentos. Enquanto o aluno impactado não consegue expor suas dúvidas na sala, participa fazendo “gracinhas” ou realizando *bullying* com os colegas. Para os alunos que não conseguem acompanhar as atividades, o recurso do professor é fazer resumos na sala de aula. Ele sabe que não gera aprendizagem, mas é alternativa utilizada.

Por outro lado, na metodologia por meio de projetos, os alunos são protagonistas do estudo, questionam o professor e buscam alternativas inovadoras para entender ou sanar um problema. Segundo o professor, os alunos dele relacionam criticamente os filmes que se assiste nas apresentações dos trabalhos. Nas atividades de Língua Portuguesa, ele solicita os relatórios das visitas, os registros dos lugares que foram visitados, considera os alunos como bons observadores de todos os processos. Também ressalta a autonomia, a interdisciplinaridade com a disciplina de Língua Portuguesa, que considera notória e positiva para o aprendizado. Ao analisar a escrita dos relatórios, a professora de Língua Portuguesa faz as correções e as devidas orientações às técnicas da escrita para os estudantes.

A percepção da professora P₂ sobre os impactos da passagem do quinto para o sexto ano, volta-se para o fato de que ela considera necessário fazer um bom acolhimento aos alunos no decorrer do quinto ano para minimizar qualquer diferença que possa impactar negativamente o estudante. Esclarece que, no sexto ano, há uma quantidade maior de professores e as aulas serão ministradas em períodos de 50 minutos, dessa forma eles deverão aprender a administrar o tempo e ficar atentos ao trabalho da escrita e à organização das tarefas em cada disciplina.

Outro relato da professora P₂ que chamou a atenção é o fato de, na rede municipal, os alunos do quinto ano terem os professores por disciplinas. Com isto, ao chegarem no sexto ano, não encontram problemas com a diversidade de professores, com as situações de localização de materiais, sendo assim, a aprendizagem ocorre sem impactos relevantes e, evidentemente, entende que as adaptações sejam facilitadas.

Ao analisar os impactos dos alunos que chegam ao sexto ano professora P₃ entende que podem ter algumas variações didáticas, como abordagens interativas, acolhimento dos professores durante os períodos e, com isso, os alunos vão-se adaptando ao ritmo das aulas e aos perfis dos professores.

Sobre os impactos na transição do quinto para o sexto ano, segundo o relato da professora P₄, alguns professores realçam o despreparo, a falta do reconhecimento de cadernos, alguns alunos são lentos na escrita. Essas situações, para eles, são uma questão de tempo para os alunos vencerem. O difícil é trazer a família para a escola, ajudar a conduzir e a formar os filhos. Essa seria uma das funções da escola, como instituição de ensino, isto é, conduzir diálogos com a comunidade escolar e buscar soluções.

A docente P₅ trouxe uma observação sobre os impactos causados na transição do quinto para o sexto ano. Nas escolas municipais, as salas de aulas do quinto ano, o trabalho é composto por disciplinas e ela não percebe muitos problemas, somente as questões de alguns alunos imaturos que fazem confusão com os cadernos e também com os horários. Essas situações por meio de hábitos de conferir os horários das aulas vão acontecendo com as adaptações e também ajuda da família.

Quanto aos impactos causados nos alunos devido às mudanças, no período de transição do quinto para o sexto ano, para a professora P₇, são inúmeros. Novos professores, cada professor tem sua didática, contudo, conforme o tempo de cada um, os alunos vão-se adaptando com os professores, com os conteúdos e com a rotina da escola. Os professores do sexto ano devem ficar atentos aos comportamentos e atitudes dos alunos em sala de aula, bem como realizar apresentações de atividades de caráter participativo e interativo.

A professora P₇ mencionou que, nas escolas que trabalham por meio da metodologia de projetos, os alunos têm posturas proativas, sem dúvida são estudantes diferenciados em relação ao aproveitamento escolar. Ela percebe uma mudança de hábitos na forma de conduzir algumas situações no cotidiano escolar. A educadora disse que gosta de trabalhar com os alunos com apresentações dos trabalhos, pois durante todo o processo de elaboração e também das apresentações, eles expõem os conhecimentos aprendidos, os valores socioculturais, as soluções encontradas e a postura cidadã.

Já para o professor P₈, os impactos acontecem devido às novas realidades e, portanto, precisam ser trabalhados, discutidos com os alunos e os professores devem atuar como pontes de interconexões e prevê essa etapa como a queda dos muros e barreiras para as que as crianças superem as dificuldades de adaptação, adquiram as habilidades e a segurança para começarem bem o sexto ano.

A professora P₉ afirmou que, depois das apresentações em sala de aula, ocorrem as brigas, afloram as vaidades próprias dos seres humanos. Ressalta que o importante, para ela, é que seus alunos sejam os protagonistas do processo de ensino e de aprendizagem, construam suas histórias e ampliem os saberes. Esses impactos dos alunos pela busca de serem os melhores, ficarem frustrados por perceberem que não foram bem nas apresentações. Para ela, essa busca da perfeição é maravilhosa, pois ela diz nos relatos: Minhas crianças são excelentes nas minhas aulas.

5.4 Práticas educativas democráticas e participativas

Em relação ao tópico sobre as práticas educativas democráticas e participativas, inerentes à metodologia de aprendizagem por projetos, o docente explica que as práticas educativas são realizadas de forma democrática e acontecem também na escola com a participação da família nas atividades escolares, contribuindo para o processo de aprendizagem.

O professor P₁ relata que, em seus projetos, utiliza a coleta de dados e propõe aos alunos a elaboração de relatórios apontando os pontos positivos e negativos sobre as visitas, como também montarem cartazes sobre as práticas consideradas mais significativas. Esse professor P₁ escreveu, em seus relatórios, que as práticas educativas presentes no Projeto Político Pedagógico da Escola são, na maioria das vezes, práticas isoladas de alguns docentes, não fazem parte dos projetos coletivos. A metodologia de aprendizagem por meio de projetos possibilita uma relação interativa entre o conhecimento e a realidade, a teoria e a prática e também vê no aluno um sujeito social, político, cultural, possuidor de saberes e com desejos de mudar a realidade em que vive.

A professora P₄ entende que o diálogo dá voz àqueles que, na maioria das vezes, não conhecem quais são os seus direitos. O diálogo é a base do seu trabalho, gosta de orientar seus alunos sobre quaisquer atividades, faz as observações problematizadoras sobre os trabalhos que conduz nas disciplinas de forma reflexiva, analítica e crítica com os alunos sobre os atos

praticados tanto na escola como na comunidade. Os alunos estão imaturos ou precisam de um tempo para esses entendimentos de que os diálogos são as melhores alternativas para a compreensão dos afazeres escolares e a vida em sociedade.

A professora P₄ reconhece a importância do trabalho em equipe, com a especialista e professores e a gestora. Quando todos os servidores estão com o foco no trabalho, todos ganham em boniteza, segundo Paulo Freire, dessa forma ganha também a comunidade escolar. Para ela, a escola faz correr o sangue nas suas veias e trabalhar com adolescentes menos favorecidos é desafiador. Ela sonha com uma Educação para todos, com um mundo melhor por meio da Educação.

A respeito das práticas educativas na disciplina de Língua Portuguesa, a professora P₄ relaciona uma variedade de situações e experiências de trabalhos com livros de literaturas, promove sarau de leituras, saindo das aulas tradicionais que somente os professores apresentam os conteúdos e os alunos ficam restritos ao ouvir e a fazer as reescritas dos conteúdos. Ela propõe trabalhos interativos e mais inovadores como jogos de palavras com figuras enigmáticas nos textos, por exemplo.

Nas questões dos trabalhos com a Língua Portuguesa, a professora P₃ utiliza o método de sequência didática, envolvendo vários recursos e ações que atendam às atividades para formação de palavras. Utiliza também rodas de conversas, o livro didático, leituras, ditados, trabalhos com dicionário nas investigações da escrita das palavras. Para estimular a leitura e a escrita, busca o auxílio também das revistas em quadrinhos.

O professor P₂ ressalta que as atividades devem ser voltadas para interação da leitura, sendo o teatro social uma boa proposta de atividade. Permite aos alunos terem experiências, novas sensações, interpretações, análises diferentes na aprendizagem e, como consequência, mudanças na aprendizagem.

Essas experiências confirmam o proposto por Behrens (1996, p.39) de que a metodologia de projetos gera novas demandas por parte dos professores, orienta para oportunidades diferenciadas sobre as situações inovadoras e criativas, envolve os discentes, favorece, dessa maneira, os processos de diálogo e a construção do conhecimento, aliado ao posicionamento crítico, criativo e transformador. Assim, a metodologias de projetos implica mudanças de ações dos docentes, requer uma proposta que seja o foco na aprendizagem significativa.

A professora P₄ destaca que a conscientização dos alunos para a aceitação da metodologia de projetos, a importância do trabalho em equipe e a colaboração com o próximo. A professora menciona a formação de hábitos como a rotina na sala de aula e respeito aos

professores como pontos positivos. Os alunos com deficiências ou déficits gostam muito desse trabalho com a metodologia por meio de projeto, pois adquirem o sentimento de pertença em relação ao grupo, sobretudo pela participação ativa e valorização do trabalho da equipe.

A docente P₄ faz, ainda, um relato de que o trabalho por meio da metodologia por projetos ajuda no trabalho interdisciplinar com os alunos, baseando nos conteúdos de Português. Ela diz que, geralmente, no sexto ano, os alunos apresentam problemas na leitura e, às vezes, na escrita e essa parceria ajuda nas orientações desses alunos com as atividades que venham propiciar mudanças e melhoria na aprendizagem.

Nas atividades da Língua Portuguesa, a professora P₄ busca o trabalho com textos que visam às relações com o mundo e fazer esse paralelo das notícias com o mundo atual em que vivemos. Ela traz para a sala de aula a leitura de jornais e outros veículos de informações. Há algumas resistências quanto a leituras em sala de aula, por isso ela incentiva muito e trabalha com as recompensas.

A professora afirma ainda que ofertar “mimos” ajuda muito no despertar para o gosto pela leitura. Aborda também a necessidade da oralidade dos alunos e os trabalhos em equipe e as apresentações na sala de aula ajudam, sobremaneira. Disse, também, que o falar em público e o preparo da oratória são momentos de grande importância. Pode-se dizer que é o nascer das ideias, o saber posicionar-se e falar ao público.

5.5 Participação dos pais e da comunidade escolar na construção do PPP

Em relação à participação da comunidade, ou seja, todos os sujeitos responsáveis pela Educação, no cotidiano da escola, o professor P₂ relata que, nas escolas públicas, os pais deveriam ser mais participativos na Educação dos filhos, deveriam cobrar mais e contribuir com ideias, ações e também fiscalizar os processos de ensino e aprendizagem. Além disso, conhecer a escola, seus pontos fortes e carências e podem até manter contato com os órgãos governamentais, enviar solicitações sobre melhoria da infraestrutura, realizar pedidos de materiais didáticos e mudanças no processo de ensino e de aprendizagem, caso haja insatisfação na comunidade.

Nas reuniões, para elaboração do Projeto Político Pedagógico, são feitas anualmente devido algumas alterações nas leis ou até os documentos da escola ficarem atualizados com o

regimento escolar, não apenas o grupo de educadores, mas toda a comunidade ou seus representantes deveriam participar ativamente e fazerem as suas solicitações para uma Educação mais integrada ao entorno da escola. Deveria ser contemplado não apenas o acadêmico, mas também os aspectos socioeconômicos e culturais, sobretudo de uma Educação de qualidade em todos os níveis de ensino e para todos. A última alteração no PPP aconteceu em 2020 devido ao teletrabalho ou trabalho remoto.

A professora P₃ encontrou como forma de ajudar os vários alunos com sérias dificuldades tanto de leitura quanto de escrita e também com atos de indisciplinas, o trabalho em equipe. A alternativa escolhida foi a participação nos trabalhos de metodologia de projetos. Nela, os estudantes se tornaram pesquisadores e leitores e também houve um envolvimento maior nas atividades, no aprendizado e na redução da indisciplina. A professora menciona que fez algumas organizações para os trabalhos se tornarem viáveis para os alunos com deficiências, inclusive incorporou as contribuições do professor de apoio, criou rotinas nas salas de aulas e promoveu interações dos sujeitos, com vistas à inclusão de todos nas atividades.

O professor P₆ menciona que as famílias devem participar das atividades escolares, porque elas precisam conhecer a escola dos filhos, saber o que acontece no ambiente escolar em que os filhos permanecem por longos períodos do dia. Sugere, também, conhecer o trabalho dos gestores escolares e dos professores, inclusive, porque ocorrem eleições periodicamente e a execução de um trabalho exitoso pode ser determinante para a gestão seguinte.

A professora P₇ respondeu que, quanto ao projeto político pedagógico, as famílias dos alunos devem ser bastante ativas na escola quanto à Educação dos filhos, conhecer os gestores, professores e as características da escola. Serem participativos na semana que a escola apresenta as mudanças no PPP por ser o momento de apresentação de novas metas da escola.

Nesse aspecto, cabe lembrar Boaventura Santos (2013, p.149), ao considerar que “[...] todos os conhecimentos sustentam as práticas e constituem sujeitos”. Nesse sentido, fica o aprendizado para prepararmos nossas aulas preocupados em descobrir, com os alunos, quais práticas sustentam os conhecimentos de cada disciplina, de cada tema e que sujeitos as constituem e são constituídos nessas experiências em busca de conhecimentos que façam sentido e mudem as pessoas. Cada projeto, conforme cada objetivo, constitui os educandos e a nós educadores como sujeitos de produção de conhecimentos e não apenas de transmissão-ensino-aprendizagem típico da Educação bancária.

Segundo Hernández (1998, p.57), para dar significado a um novo conhecimento, é necessário que exista alguma conexão com o que os sujeitos já possuem, com seus esquemas internos e externos de referências, ou com as hipóteses que possam estabelecer sobre os problemas ou temas. Deve ter presente, além disso, que cada aluno possa ter concepções equivocadas que devem ser conhecidas para um processo adequado de ensino aprendizagem.

Pela experiência prática no exercício profissional e com base nos relatos dos participantes, é possível afirmar que o Projeto Político Pedagógico de algumas escolas, tanto do estaduais quanto municipais, encontram-se professores que conhecem as articulações do processo de elaboração, bem como as dificuldades para atingir um consenso sobre os componentes curriculares e as práticas educativas visando a mudanças, estabelecimento de objetivos e metas comuns a toda comunidade escolar.

A construção do Projeto Político Pedagógico deve envolver todas as instâncias da comunidade escolar. Na elaboração, deve dar voz a todos, para enxergar como transformar sua realidade cotidiana em algo melhor. Se bem formatado o próprio processo de construção gera mudança no modo de agir. Quando todos enxergam de forma clara qual é o foco de trabalho da instituição e os participantes desse processo tornam-se verdadeiros colaboradores do gestor. O docente necessita ser ativo na construção, na execução e na avaliação do projeto, pois faz parte da função docente essa participação. A própria Lei de Diretrizes e Bases – Lei n.º 9.394/96 (BRASIL,1996, p. 5) – preconiza essa participação como parte da função docente quanto se volta à construção de autonomia, de identidade e de organização de sua prática pedagógica, como se constata nos artigos 12 e 13. Art. 12 “[...] Os estabelecimentos de ensino, respeitando as normas comuns e as do seu sistema de ensino terão a incumbência de: I – elaborar e executar sua proposta pedagógica(...)”; Art.13. “Os docentes incumbir-se-ão de: I – participar da elaboração da proposta pedagógica do estabelecimento de ensino”.

Algumas vezes em sala de aula, segundo a professora P₄, os alunos ficam na sala apenas como ouvintes, no entanto, nessas práticas, é necessário o trabalho em equipe, espaço para todos os alunos e, no grupo, sempre há aquele que caminham com generosidade nas interações com o próximo. A professora P₄ disse, também, que uma das situações-problemas ocorre com os pais que simplesmente deixam, quase abandonam os filhos na escola. Segundo ela, esses pais não se preocupam com as situações de cuidado, com a higiene pessoal e a saúde dos seus filhos, mesmo estando adoentados mandam as crianças ou adolescentes para a escola.

Quando é necessário os localizar os responsáveis, às vezes, torna-se impossível. Os funcionários da escola têm que levar a criança para casa ou até mesmo para o pronto

atendimento. A professora P₄ entende que a questão da higiene pessoal como o banho, as trocas das roupas íntimas e cuidados com o corpo são hábitos que devem ser observados e cuidados na abrangência da família.

5.6 As lendas africanas

Outra questão abordada foi relacionada às lendas africanas. O professor P₄ gosta de desmitificar alguns mitos nas religiões e na cultura africana, para seus alunos. A macumba, por exemplo, é um instrumento musical de percussão, e não forma pejorativa de referir-se às oferendas religiosas ligadas às religiões de matrizes africanas. É importante, ressalta ela, construir uma situação de informação e valorização do continente e das lendas africanas. Nos contos africanos, vemos aflorar a rica cultura e os contextos familiares, não deixando que os costumes fiquem esquecidos pelos jovens. Os costumes relacionados aos juízos de valor, para que as experiências para as organizações dos valores não caiam no esquecimento dos jovens e as tradições são resgatadas, pelos adultos contar fatos históricos e culturais antigos sobre as lendas Africanas.

Para melhorar as atividades de leitura e aprendizagem, a professora P₅ acredita que as leituras, dos livros paradidáticos ajudam àqueles que se deixam envolver. E, nesse caso, é possível utilizar as lendas africanas para um trabalho intertextual, isto é, a motivação para melhorar a leitura e, ao mesmo tempo, o trabalho de conhecimento e valorização das lendas africanas. A posição de interdisciplinaridade se fundamenta na crença de que o aluno possa estabelecer conexões pelo simples fato de serem evidenciadas pelo professor, em incentivos aos alunos na participação e no comprometimento com a realidade social e, no caso das lendas africanas, o conhecimento leva ao respeito e à admiração.

A forma pela qual se ensina está enraizada na história de vida do professor e nos profissionais que vivenciou. O momento atual preconiza a formação de um profissional com desenvolvimento de novas competências e também formas inovadoras de trabalho, de modo que forme esse profissional a ultrapassar as possíveis dificuldades e desafios de seu campo de atividade.

Em relação à Lei n.º10.639, que trata da obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-brasileira, a professora P₃ trabalha alguma atividade com os alunos somente no dia da consciência negra, previsto no planejamento anual. Quanto ao Projeto Político

Pedagógico da escola, afirmou que não o conhece, no entanto, em reuniões pedagógicas, a supervisora questiona os professores sobre os trabalhos a serem desenvolvidos na Semana da Consciência Negra: a importância da Lei n.º10.639 /03 no Projeto Político Pedagógico dessas escolas.

O professor P₆ faz relatos que são interessantes de acordo com a metodologia por meio de projeto. Ele afirma que, com a motivação aos alunos, o trabalho é positivo, portanto, o professor precisa saber incentivar seus alunos quanto ao trabalho com a metodologia por projeto. O professor P₆ disse, sobre as lendas africanas, que trabalha, nas aulas, músicas africanas, mandalas decorativas e contos africanos. Ele relatou que os alunos não conhecem os valores nem as tradições africanas. Essas tradições, juntamente com as indígenas, fazem parte das histórias dos antepassados. Ele, como professor, acha muito importante o trabalho interdisciplinar e que as equipes precisam ter foco para auxiliar os alunos. No entorno das escolas há várias vozes, percebemos que os mitos em relação às culturas africanas precisam ser desmistificar o caráter mito que fora revelado.

O professor P₆ ainda conta que precisa estudar para direcionar seus alunos. Esse direcionamento para a cultura negra ocorre na Semana da Consciência Negra, durante a qual, seus alunos confeccionam cartazes, mandalas, fazem frases contra o racismo. Contudo, segundo o professor, esse trabalho ocorre somente no mês de novembro. Esclarece também que na rede municipal todos os professores participam da estruturação do PPP sejam os profissionais efetivos ou designados, garantindo o debate de mais ideias e práticas educativas.

Quanto às práticas, sugere o trabalho com músicas e audiovisuais por entender que retratam as lendas e a cultura africana, pois elas trazem para os alunos do sexto ano uma forma de sensibilizar, de criar o sentimento de pertencimento e de aceitação do outro e de enfrentamento das novas experiências.

Sobre a abordagem na disciplina de Língua Portuguesa no desenvolvimento da história e das lendas africanas, três professores fizeram inferências sobre como trabalhar com a temática. A professora P₄ disse que, em conversas durante as atividades ou no ambiente escolar, presenciou manifestações de preconceitos aos mitos por parte de alguns alunos, especialmente pela falta de conhecimento sobre palavras ou significados relacionados à África. Como um exemplo, ela perguntou na sala de aula "o que é Macumba?" Na realidade, a macumba é um instrumento de percussão. No entanto, os alunos responderam com a ideia fixada no contexto da religiosidade, como algo pejorativo ou negativo.

Ela menciona, ainda, que aborda na disciplina de História que ministra vivências dos povos africanos, suas tradições e cultura. Ela promove a contação de histórias dos ancestrais

africanos e que os seus alunos ouvem com atenção e interesse pelos fatos relatados. Ela leva para sua sala para dar relevância e ilustrar a disciplina, filmes, textos, contos relacionados a lendas africanas para retirar os falsos mitos que estão impregnados nos alunos.

O professor P₆ apresentou suas observações e destacou que seus trabalhos com as mandalas foram altamente positivos, mas esclareceu que foram delimitados para serem utilizadas na Semana da Consciência Negra.

O professor P₈ fez comentários sobre os trabalhos com a Língua Portuguesa utilizando as habilidades EF69LP13 segundo indicação da BNCC. Engajar-se e contribuir com a busca de conclusões relativas aos problemas, temas e ou questões polêmicas de relevância social. Nas atividades, o professor fez sugestões de trabalhos com temas como os contos africanos que considerou positivos. Trabalho com lendas africanas, por meio de audiovisuais e também contos que estão livres para o acesso público, obteve-se bons resultados.

Ainda quando perguntado sobre algumas sugestões de trabalhos que pudessem abordar a temática, os demais professores fizeram sugestões passíveis de serem realizadas como: a) filmes de domínio público ou canais fechados e abertos; b) a roda de conversas sobre os textos e contos que estão livres para o público; c) sequências didáticas sobre os temas, como relacionar textos históricos, as lendas com a realidade atual, sempre aprimorando os conteúdos previstos no planejamento anual.

Foi observado, também, que atividades artesanais são apenas trabalhadas na Semana da Consciência Negra, que é uma importante representação do imaginário negro, dos saberes, da cultura e da religiosidade, mas só é realizada para o cumprimento do calendário escolar. Ressalte-se que Lei Federal n.º 10.639 é uma ferramenta de colaboração, para divulgar a cultura dos povos africanos, de forma prática poderiam ser abordados os conteúdos para superarmos a discriminação e tomarmos um novo caminho para valorizar os afrodescendentes e transformar a sociedade para um comportamento mais justo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A busca por analisar o processo de aprendizagem baseado na metodologia de projetos para o sexto ano do Ensino Fundamental na rede pública de Uberlândia, como proposto nos objetivos, trouxe resultados interessantes, mesmo que ainda distantes da utilização de metodologias inovadoras e práticas educativas mais eficazes para a melhoria da Educação pública.

A utilização da metodologia de ensino por meio de projetos requer mudanças significativas tanto na concepção de ensino e de aprendizagem quanto na formação e disposição do professor para inovar suas práticas educativas. Com base nos dados fornecidos pelos professores colaboradores da pesquisa, estabeleceu-se um diálogo com os documentos para compreender o que tem sido feito em sala de aula, bem como perceber a disposição para adotar a metodologia de aprendizagem baseada em projetos.

Em relação ao nível de conhecimento da metodologia de ensino por meio de projetos, os docentes, sujeitos participantes da pesquisa, consideram o trabalho educativo com essa forma de ensino e todos disseram que conhecem a metodologia. Como aspectos positivos, eles veem a autonomia dos estudantes no momento da seleção dos temas a serem trabalhados e também quando conseguem fazer as conexões das propostas dos professores e as implementações das práticas a serem desenvolvidas nos projetos.

Apesar de conhecerem e encontrarem pontos positivos na aprendizagem baseada em projetos, uma minoria afirma que não a utiliza, principalmente pela dificuldade de os alunos e os professores trabalharem em equipe, com a interdisciplinaridade e por tomarem muito tempo para a preparação e execução das atividades. Razões sujeitas a questionamentos, se pensarmos em uma Educação de qualidade, democrática e participativa.

Dada a percepção dos/as professores/as sobre os impactos da passagem do quinto para o sexto ano, sugerimos como importante fazer um bom acolhimento aos alunos no decorrer do quinto ano, para minimizar qualquer diferença que possa impactar negativamente o estudante. Esclarecem que, no sexto ano, há uma quantidade maior de professores e as aulas são ministradas em períodos de 50 minutos, dessa forma eles deverão aprender a administrar o tempo e também ficarem atentos ao trabalho da escrita e organizações das tarefas em cada disciplina.

Entendem que toda mudança significativa na rotina da criança, como mudar de escola, de professores, novos colegas, espaços diferentes, conteúdos desconhecidos e novos métodos

de ensino, entre outros, causam impactos emocionais e psicológicos que, se não forem percebidos e trabalhados precocemente, podem trazer dificuldades para a aprendizagem.

Em relação à participação dos pais e da comunidade, ou seja, todos os sujeitos responsáveis pela Educação, no cotidiano da escola, entendem que, nas escolas públicas, os pais deveriam ser mais participativos na Educação dos filhos, cobrarem, contribuir com ideias, ações e também fiscalizarem os processos de ensino e de aprendizagem. Além disso, precisam conhecer a escola, seus pontos fortes e carências, fazer reivindicações para melhoria da infraestrutura, equipamentos e qualidade do ensino.

Em relação às práticas educativas democráticas e participativas, inerentes à metodologia de aprendizagem por projetos, os docentes que utilizam a metodologia relatam que as práticas educativas são realizadas de forma democrática, acontecem na escola, algumas vezes, com a participação da família nas atividades escolares e contribuem para o processo de aprendizagem e para a interação da escola com a comunidade. Esses professores contam que, em seus projetos, utilizam a coleta de dados e propõem aos alunos a elaboração de relatórios apontando os pontos positivos e negativos sobre as visitas; e também montaram cartazes sobre as práticas consideradas mais significativas para divulgação e fixação da aprendizagem.

A metodologia de aprendizagem por meio de projetos possibilita uma relação interativa entre o conhecimento e a realidade, a teoria e a prática, e também vê no aluno um sujeito social, político, cultural, possuidor de saberes e com desejos de mudar a realidade em que vive. Uma professora visualiza as interações dos alunos na metodologia por meio de projetos como relevante para os alunos, pois eles se tornam os protagonistas do processo de aprendizagem.

Esses/as professores/as entendem os processos de construção de aprendizagens em que os alunos colocam as suas vivências e as propostas nos trabalhos escolar permite os confrontos, as articulações entre as totalidades e as partes, percebem que os alunos se empolgam com a dinâmica das atividades e também estão em fase de aprendizagem com trabalhos em equipes, na escola e fora dela, enfim, um rico processo de formação escolar e de cidadania.

Outro professor chama a atenção, em seus relatórios, para o fato de que as práticas educativas presentes no Projeto Político Pedagógico da Escola são, na maioria das vezes, práticas isoladas de alguns docentes, não fazem parte dos projetos coletivos, nem da estrutura do sistema escolar do município. Essa é uma questão que merece reflexão pelos gestores das redes de ensino, nos níveis municipal e estadual, bem como da escola ao se elaborar o Projeto Político Pedagógico.

Sobre a percepção dos alunos em relação aos trabalhos aplicados pela metodologia por meio de projetos, os/as professores/as entendem que nos projetos não há fragmentação de conteúdos, as disciplinas são misturadas, ou seja, interdisciplinares, os trabalhos são mais colaborativos e a aprendizagem surge naturalmente, tanto nas práticas como nas discussões em sala de aula. E asseguram que o aprendizado por meio da metodologia de projetos é mais eficiente, interativo com a realidade local e, além dos conhecimentos dos conteúdos acadêmicos, os alunos geram novas abordagens, identificam-se com a comunidade e seus problemas e amplia a visão de cidadania do mundo.

Ao finalizar, é bom trazer a proposição de Bender (2014) que considera essa abordagem como uma Educação diferenciada para o século XXI, podem transformar-se no principal modelo de ensino, recomendado aos educadores como uma metodologia inovadora e eficiente. Segundo ele, corroborando o encontrado, essa metodologia permite que os alunos confrontem as questões problemas do mundo real que consideram significativas, sugerem alternativas de abordagem e então, agem de forma cooperativa em busca de soluções que beneficiem a sua comunidade e o ensino.

É importante ressaltar as dificuldades dos professores, tanto na rede municipal quanto na estadual, o trabalho em equipe. A compreensão do trabalho docente demanda uma formação, entretanto, em busca de algumas análises, vemos ambientes escolares em que não há empatia com os professores novatos, sabendo que são necessárias essas interações para o desenvolvimento profissional.

A formação do docente precisa ser orientada e pressupõe, em uma análise, que se destaca na no trabalho interdisciplinaridade com os alunos, uma necessidade de articulação do trabalho, transparência do saber e o defrontar com os efeitos perniciosos da compartimentalização do currículo não disciplinar.

Diante da tessitura do PPP em um paradigma que tem suas identidades, encontramos espaço para o trabalho da formação de docentes na perspectiva de Educação antirracista baseada em metodologia de projetos.

O motivo de indagações nas escolas é o maior problema maior que estamos vivendo em tempos de pandemia da COVID-19, já que as entrevistas não aconteceram como imaginamos inicialmente, portanto, o formato das observações foi reorganizado.

REFERÊNCIAS

ABNT Associação Brasileira de Normas Técnicas. **NBR 6023, de 21.11.2018**. Informação e documentação, trabalhos acadêmicos, apresentação. Rio de Janeiro, 2018.

BARBOSA, A. *et al.* **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 3.ed. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

BERBEL, N. A. N. A problematização e a aprendizagem baseada em problemas: diferentes termos ou diferentes caminhos? **Interface** (Botucatu) vol.2 no.2 Botucatu feb. 1998.

BOGDAN, R., BIKLEN, S DEMO, P. **Metodologia científica em ciências sociais**. 2. ed. São Paulo: Atlas Editora, 2015.

BOGDAN, R., BIKLEN, S. **Investigação Qualitativa em Educação** – uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora,1994.

BRESSOUX, P. As pesquisas sobre o efeito escola e o efeito professor. **Educação em revistas**, nº 38 pp 17.88,2003.

BROOKE, N. S. (org.). **Pesquisa em eficácia escolar: origem e trajetória**. Belo Horizonte: Editora UFMG.2008.

CANDAU, V. M. **A Didática em Questão**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2002.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1999.

DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola tradução** Campinas, SP: Mercado das Letras, 2004.

DOLZ, J. N.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita, apresentação de um procedimento.

FARIA, E. **O Tempo de projetos**. Bragança Paulista, 2010. Disponível em: [http://educacainfantionline.blogspot.com.br/2010/03 – Tempo –dos projetos em continuidade.html](http://educacainfantionline.blogspot.com.br/2010/03-Tempo-dos-projetos-em-continuidade.html). Acesso em: 01 out. 2020.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da Pesquisa Científica**. Universidade Estadual do Ceará. 2002.

FREIRE, P. **Cartas a Cristina: reflexões sobre minha vida e minha práxis**. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

FREIRE, P. **Educação e Mudanças**. SP: Editora Paz e Terra 2007.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996.

GAMBOA, S. S. (org); SANTOS FILHO, J. C. **Pesquisa Educacional: quantidade_ qualidade** 5 ed. São Paulo: Editora Cortez, 2002.Coleção questão da nossa Época.

GUDSDORF, G. **Professores para quê?** Para uma Pedagogia 11.ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2010.

HERNÁNDEZ, F. O diálogo como mediador da aprendizagem e da construção do sujeito na sala de aula. **Revista Pátio**. Ano VI nº 22 p 19-21. JUL./ag.2002.

HERNANDES, F. E.; VENTURA, M. **A organização do currículo por projetos de trabalho**. Porto Alegre, RS: Editora ARTMED, 1998.

HERNÁNDEZ, F. **Transgressão e mudança na Educação: os projetos de trabalho**. Porto Alegre: Editora ArtMed, 1998.

MACEDO, R. S. **Etnopesquisa Crítica, Etnopesquisa- Formação**. Brasília: Editora Líber Livros Editora, 2010.

MACEDO, R. S. **Um rigor outro sobre a qualidade da pesquisa qualitativa: Educação e ciências humanas**. Salvador: EDUFBA, 2009.

MARTINS, J. S. **O Trabalho com projetos de pesquisa**. 3 ed. Campinas: Editora Papyrus, 2003.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Editora Hucitec/ABRASCO, 1997.

MONTEIRO, S.A.S. (org.) **Ensino-aprendizagem e metodologias**. Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019.

MUNANGA, K. (org.) **Superando racismo na escola**. Brasília: MEC/SECAD 2 ed, 2005.

NÉRICI, I. G. **Introdução à Supervisão Escolar**. 4.ed. São Paulo: Editora Atlas, 1978.

PRADO, M. L. *et al*; Arco de Charles Maguerez: refletindo estratégias de metodologia ativa na formação de profissionais de saúde. **Esc. Anna Nery** vol.16 no.1 Rio de Janeiro Mar. 2012.

PRATI, L.E.; EIZRIK, M. F. Da diversidade na passagem para o quinto série do Ensino Fundamental. **Estudo de Psicologia**. Campinas I 23(3) I 289 – 298 I Julho – Setembro, 2006 Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v_23n3/v23_n3_08.pdf. Acesso em: 15 jan. 2017.

QUIVY, R.; CAMPENHOUDT, L. V. **Manual de Investigação em Ciências Sociais**. 4. ed. Lisboa: Editora Gradiva, 2005.

ROCHA, R. M. C. (Almanaque Pedagógico Afrobrasileiro.) **Uma proposta de intervenção Pedagógica na Supervisão do racismo no cotidiano escolar**. Belo Horizonte: MAZZA Edições, 2006.

RUTTER F.T. H. *et.al.*: Secondary Schools and Their effects on children. London. *In* BROOKE, N; SOARES, J. F. **Pesquisa em eficácia escolar: origem e trajetórias**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1979.

SEBASTIÃO, J; A. M.; CAMPO, J. Violência na escola das políticas aos quotidianos Sociologia, problemas e práticas, nº 41, 2003, pp. 37-62.

SILVIA P. B. G. **Presença Pedagógica**. Edição 86 de março/abril de 2009.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

TARDIF, M. Saberes Profissionais dos Professores e Conhecimentos Universitários. Rio de Janeiro, **Revista Brasileira de Educação**, n. 13, jan- abr/2000.

TARDIF, M.; LESSARD, C.; LAHAYE, L. Esboço de uma problemática do saber docente. **Teoria & Educação**. v. 1, n. 4, p. 215-253, 1991.

Uberlândia, **Prefeitura Municipal**, Secretaria da Educação, Escolas Municipais. 2021.
Disponível em: <https://www.uberlandia.mg.gov.br/prefeitura/secretarias/educacao/escolas-municipais-uberlandia/> Acesso em: 22 fev. 2021.

VAILLANT, D.; MARCELO, C. **Ensinando a Ensinar**: as quatro etapas de uma aprendizagem. Curitiba: Editora UTFPR, 2012.

VEIGA, I. P.A. **Repensando a Didática**. Campinas: Editora Papiros 2003.

VERGUEIRO, W. *et al.* **Quadrinhos e Literatura**: Diálogos Possíveis. São Paulo: Editora Criativa, 2014.

ANEXO

INTRODUÇÃO

Documento: Projeto Político Pedagógico.

O documento traz a unidade em relação à intencionalidade educativa da nossa escola, alinhada às diretrizes da Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais (SEE/MG), fortalecendo a identidade de nossa escola, esclarecendo sua organização, apontando os objetivos para a aprendizagem dos estudantes e, principalmente, definindo como nossa escola irá trabalhar para atingi-los. Traduz o que temos como proposta em relação ao currículo, à forma de gestão, à organização das práticas de ensino, às formas de avaliação e, principalmente, ao diagnóstico da situação atual com perspectiva de/para onde queremos chegar.

O PPP é o nosso plano global da escola. Ele apresenta um conjunto de diretrizes organizacionais, operacionais e pedagógicas da escola, que expressam e orientam suas práticas, documentos e demais planos - como o Regimento Escolar, Planos de Ensino-Aprendizagem e Projetos Escolares, conforme prevê a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB.

O Projeto Político Pedagógico (PPP) é um instrumento teórico-metodológico para a intervenção e mudança da realidade educacional em que a escola se encontra. O PPP sistematiza, organiza e integra - de forma contínua e, portanto, nunca definitiva - o processo de planejamento democrático e participativo da escola, definindo a ação educativa que se quer realizar.

O referido projeto tem um caráter propositivo, pois define concepções e princípios coerentes com a legislação vigente e com o Plano Nacional de Educação, devendo ser o balizador da Educação Básica na Instituição. Bem como da relação entre os seus diferentes níveis de ensino.

Pretendemos, ainda, com o nosso PPP, ampliar o senso de pertencimento e o engajamento de toda a comunidade escolar (gestores, professores, demais profissionais da escola, pais, alunos e comunidade) em torno de um projeto educativo comum: a aprendizagem de nossos estudantes.

Vasconcelos (1995) define o Projeto Político Pedagógico confirmando a proposta que está sendo elaborada:

Este PPP foi elaborado com a participação de todos os segmentos da Comunidade Escolar, de forma crítica e reflexiva, por meio de estratégias e ações que possibilitaram a acolhida de todas as contribuições pedagógicas.

Como um instrumento teórico-metodológico que visa a ajudar a enfrentar os desafios do cotidiano da escola, só que de uma forma refletida, consciente, sistematizada, orgânica e, o que é essencial, participativa. É uma metodologia de trabalho que possibilita ressignificar a ação de todos os agentes da instituição. (VASCONCELLOS, 1995, p. 143)

Ressaltamos os aspectos fundamentais da metodologia de ensino por projetos como um desmembramento do PPP da escola, onde se destacam a forma democrática, participativa, colaborativa, com envolvimento de toda a comunidade escolar, com proeminência do envolvimento dos alunos na elaboração do projeto.

1.1 Identificação da Escola

A Escola está inserida num contexto sócio político e econômico de intensas ações que permitem diferentes encontros de culturas, desenvolvimento marcado pelo avanço da comunicação, das tecnologias e descobertas que servem para um tempo em que as pessoas estão em crescimentos e a serviço do tempo e da história.

A escola tem seus sujeitos passando por inseguranças, a violência, a marginalidade a exclusão, a falta de ética, a carência de uma reflexão crítica às crises de valores são algumas tensões do cotidiano.

As diferenças socioeconômicas e culturais estão nos processos internos de cada família, da escola bem como da sociedade.

Nessas realidades, com todas as suas desigualdades, seus contrastes, suas injustiças que nos movemos, é nesse espaço que vivemos, que de uma maneira ou outra participamos e por eles somos responsáveis. Situar-se nessa dimensão exige reformulação, de reflexão e uma ação consciente para que o homem possa voltar a ser o agente transformador e sujeito de sua história como criador da criatura e responsável pelo desenvolvimento social e sustentável.

Nessa perspectiva de formação de seres humanos ativos, pensantes, buscamos na Escola, garantir a construção de conhecimentos e valores para uma compreensão crítica e transformadora no contexto da realidade que estamos inseridos.

1.3 Histórico da transformação na Escola.

Ao ler, escrever e contar. A burguesia estimula uma escola com ensinamentos práticos para a vida e para os interesses da classe emergente. Portanto, o aparecimento do termo escola vem do grego *scholé* significando “lazer, tempo livre”. Esse termo era utilizado para nomear os estabelecimentos de ensino pelo fato de a tradição greco-romana não valorizar a formação profissional e o trabalho manual. Formar o homem das classes dirigentes era o ideal da Educação grega. O professor não deveria ensinar de acordo com suas concepções, mas de acordo com a exigência da sociedade, devendo formar os futuros governantes e ocupantes dos altos cargos. O mestre filósofo era o responsável pela Educação dos seus discípulos, em geral cinco e geralmente ensinavam política, artes, aritméticas e a filosofia.

Na Idade Média, o conhecimento ficou praticamente nos mosteiros. É aí que a Educação ambienta-se na escola e os religiosos se encarregam da transmissão do saber. Era ainda uma Educação elitizada, não havendo separação entre crianças e adultos. Os nobres só se preocupavam em aumentar suas riquezas, e acreditavam até que o escrever era próprio para as mulheres, portanto desprezavam a cultura e a instrução. Com o desenvolvimento do comércio é que surge a necessidade de aprender a instituição escolar estar diretamente ligado ao aparecimento e desenvolvimento do capitalismo. Percebemos isso claramente ao notar que no período da Revolução Industrial (a partir de 1750), época áurea do sistema capitalista, houve a necessidade de mão-de-obra para operar as máquinas e que para tal manejo teriam que ter no mínimo uma instrução básica. A burguesia percebeu que a Educação serviria para disciplinar esses milhares de trabalhadores. Adam Smith, um dos grandes teóricos do Capitalismo, inclusive defendia que a Educação era necessária e deveria ser dada em pequenas doses às massas.

Portanto a burguesia viu na Educação uma poderosa arma de controle para disciplinar os trabalhadores. Vemos aí que a Escola surge com funções ideológicas: inculcar na grande massa os valores e normas da classe dominante, mostrando a função de cada um conforme sua classe de origem.

Tal posição não é vista claramente pela massa, porque a Escola sempre é vista como uma instituição neutra que trata a todos de forma igual. Nunca se reflete sobre seu atual papel, o que de certa forma esconde a realidade da maioria.

No Brasil, a Educação só passou realmente a ser debatida no início do século XX a partir das discussões surgidas com os intelectuais brasileiros que passaram a analisar a

Educação de forma mais profunda. Tal análise começou como o movimento escolanovista na década de 1920, que surgiu como uma crítica à Educação tradicional, buscando, acima de tudo, a universalização do ensino no País. Preconizava ainda uma nova escola, onde o aluno passasse a ser ouvido e defendendo uma escola que formasse um homem novo.

A escola passa a ser vista sob a perspectiva de reprodutora das desigualdades da sociedade.

Dermeval Saviani, um dos grandes teóricos da Educação, classifica as teorias educacionais em teorias críticas e não-crítica. As teorias não-críticas entendem a Educação como uma ferramenta de equalização social, de superação da desigualdade social, vista de forma autônoma em sua atuação, e ao tentar entendê-la partem dela mesma. Como exemplos de teorias não críticas temos a pedagogia tradicional (preconiza o professor como centro do processo de ensino e ao aluno cabe aprender o que lhe é transmitido, sem ter o direito de questionar, preconiza o “aprender”), a pedagogia nova (defende a escola como um meio de equalização social, enfatiza o “aprender a aprender”). Daí vem o escolanovismo. Propunha uma ampla modificação na aparência das escolas, com salas de aula de aspecto mais agradável e mais alegre. A partir daí surge a pedagogia tecnicista, já que a pedagogia nova não conseguiu seu intento. A última das teorias não –críticas é a pedagogia tecnicista que enfatiza o “aprender a fazer” e tem como objetivo tornar o processo de ensino mais operacional, formando homens competentes e produtivos.

As teorias acima representam um processo de reorganização do aparelho escolar que passou por um intenso processo de burocratização. Essa fragmentação no trabalho pedagógico causou um caos no campo educativo por tentar comparar a Educação com o sistema fabril.

Quanto às teorias críticas, elas são também denominadas de teorias crítica produtivistas, pois são compreendidas a partir da influência da sociedade a qual servem. Portanto, há uma estreita relação entre Educação e sociedade. Entre essas teorias Dermeval Saviani cita: a teoria do sistema de ensino enquanto violências simbólicas (como exemplo temos a violência material imposta pela classe dominante à classe dominada, o que provoca uma violência cultural, o que vemos claramente na ação pedagógica institucionalizada, ou seja, no sistema escolar).

A outra teoria crítico-produtivistas é a teoria da escola enquanto aparelho ideológico de Estado, que Althusser bem distinguiu em Aparelhos Repressivos de Estado (a Polícia, os Tribunais, etc.). Aparelho Ideológico do Estado como a igreja, a família, os sindicatos, as escolas, etc. Esses aparelhos ideológicos espalham a ideologia dominante, de forma não institucionalizada, mas de forma massiva e ideológica, já que a escola serve como instrumento

de inculcação do pensamento da classe dominante. Para isso, ela prepara durante vários anos as crianças provenientes de todas as classes sociais e as transmite a ideologia da classe dominante, reproduzindo assim as relações de exploração do sistema capitalista.

A teoria dualista é a última teoria crítico-reprodutivistas. Esta teoria acredita que a escola é dividida em duas camadas ou classes: o proletariado e a burguesia e que essa divisão está presente em todo o conjunto escolar, desde a primária até a secundária. Tal teoria entende que a escola cumpre a missão de formar a força de trabalho para atuar no sistema, contribuindo para a reprodução das relações produtivas. Ela reconhece que existe uma ideologia proletária, mas que a ideologia proletária não está na escola.

Comenius (Jean Amos Komenisky –1592 –1670), considerado o pai da didática, considerou a escola como o espaço fundamental da Educação do homem, estruturando seu pensamento na máxima: Ensinar tudo a todos. Para ele, essa Educação concebida em um ambiente adequado, com diálogo e através da experiência é que formaria cidadãos capazes e atuantes no mundo. E Comenius acredita na escola como uma aliada nesse modelo de construção do saber.

Maria Montessori, representante da Pedagogia Nova, a partir de experiências com o ensino de crianças, conclui que o espaço ideal para ser uma escola é uma casa com um jardim cultivado pelas crianças, com liberdade onde as crianças aprendem e se desenvolvem sem a ajuda dos adultos. Já que para Montessori, o ambiente adulto se torna um obstáculo para o desenvolvimento das crianças. Assim, preparando-se um ambiente adequado aos movimentos das crianças, ocorrerá a manifestação psíquica natural, portanto um aprendizado saudável.

“Para Paulo Freire, grande expoente da Educação brasileira, a escola é o espaço onde se dá o diálogo entre os homens, mediatizados pelo mundo ao redor, surgindo daí a necessidade de transformações do mundo.” Não devemos chamar o povo à escola para receber instrução, postulados, receitas, ameaças, repreensões e punições, mas para participar coletivamente da construção de um saber, que vai além do saber de puras experiências feitas, que levem em conta as suas necessidades e o torne instrumento de luta, possibilitando-lhe transformar-se em sujeito de sua própria história (...). Freire, 1980. Freire considera a escola como um espaço político para a organização popular.

No século XXI, a escola enfrenta um dilema. Com o grande avanço tecnológico, a era do computador, surge o desafio: seguir uma formação intelectual ou uma formação profissional?

2. Marco Referencial

Essa escola já passou por tantas transformações até chegar as situações atual uma escola que acredita que a metodologia de ensino por projeto para o sexto do Ensino Fundamental uma proposta diferenciada.

Por meio da Educação escolar, que cremos ser possível a construção de uma sociedade mais justa, que respeitem as diferenças, que garanta espaço para o individual possa emergir no social, favorecendo, dessa forma a garantia aos direitos de todos.

Os esforços dessa instituição de ensino convergem na direção de construir e concretizar um projeto pedagógico que parta do ensino do entendimento que os tempos e espaços escolares de convivência de ensino e de aprendizagem pautando pela ética e constituem bem maior que é a vida.

Com esses enfoques cabe aos/às professores, funcionários/as e especialistas em Educação, que aplicação a tarefa de garantir a circulação do conhecimento, da multiplicidade de pensamentos, bem como a humanização nas relações decorrentes dos processos de ensino e de aprendizagem. O princípio que norteia as ações relaciona-se á formação de um sujeito-aluno consciente, crítico e autônomo que saiba respeitar os limites construídos, a partir das definições coletivas de princípios das convivências.

3. Marco Situacional

Nessa perspectiva, o Projeto Político Pedagógico define o caminho de uma escola, pois conforme Celso Vasconcelos, “ o projeto não pode ser uma camisa de força para a escola e para o professor. Deve dar a base de tranquilidade, as condições para administrar o cotidiano e, assim, inclusive, liberar espaço para a criatividade” (2002, p .47).

A partir de 2007, atendendo a Lei federal nº 11.274, de 06 de fevereiro de 2006 que determina a duração de nove anos para o Ensino Fundamental, a escola alterou a organização curricular, para este nível de ensino. Assim como, a reformulação dos currículos.

No Ensino Médio, optou-se pela continuidade da organização atual, considerando-se as finalidades atribuídas a este nível de ensino, quais sejam o aprimoramento do educando

como ser humano, sua formação ética, desenvolvimento de sua autonomia intelectual e de seu pensamento crítico, sua preparação para o mundo do trabalho e o desenvolvimento de competências para continuar seu aprendizado. (Art.35) Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (nº 9394/96).

Elaboração coletiva do Projeto Político Pedagógico;

Formação integral, que possibilite a compreensão dos trabalhos, de alternativas sócios Políticas de transformação da sociedade, de questões relacionadas ao meio ambiente e á saúde, nas perspectivas de construção de uma sociedade sustentável;

Interdisciplinaridade

Articulação entre teoria e prática

Predomínio da construção do conhecimento sobre a informação.

2.2. Marco Filosófico

A partir de uma concepção sociointeracionista, a Escola de Educação Básica. A escola aplicação compreende a Educação como construção coletiva permanente, baseada nos princípios de convivência, solidariedade, justiça respeito, valorização da vida na diversidade e na busca do conhecimento. Nessas perspectivas, utilização de uma metodologia cooperativa e participativa, que contribua na construção da autonomia moral e intelectual de todos os envolvidos no processo educativo, buscando humanização e as mudanças sociais.

Os Objetivos gerais da Escola

Os objetivos gerais da Escola e dos níveis de ensino estão pautados nos princípios filosóficos.

Basicamente, dinamizar um currículo que contemple temas e preocupações mundiais; resgatar a visão de totalidade dos sujeitos, priorizar umas ações pedagógicas voltadas às construções de cidadão conscientes; garantir os acessos aos conhecimentos sistematizados; e as implementações dos espaços de pesquisas.

Concepção de Escola

A Escola está inserida no contexto social, um local onde as oportunidades de vivência de experiências culturais são amplas e também diversificadas.

A cada convívio social, os meios de comunicação e até mesmo, o trabalho, nem sempre possuem condições de propiciar essas vivências.

O fato de a família encaminhar seus filhos à escola, não a exime de sua função principal de educadora. Antes a amplia. Através da escola, a família participa mais ampla e extensamente, não só nos problemas de seus próprios filhos, mas também nos dos outros.

Atualmente muitos autores discutem a existência ou a finalidade da escola.

Entretanto, todos eles estão de acordo em que seja necessário que haja alguma forma de Educação sistemática. Com isso, acreditamos e vemos a escola como uma possibilidade de participação, socialização, desenvolvimento, integração, aquisição e aprofundamento do conhecimento nos diversos ramos do saber humano, bem como a preparação de novos membros para viver e se integrar na comunidade, para enriquecê-la e transformá-la, tornando-a cada vez melhor e mais humana.

Esperamos também, criar na escola um ambiente de discussão onde os educandos podem tomar consciência de suas aspirações e valores mais íntimos e mais legítimos, tomando decisões mais esclarecidas sobre sua vida, a partir de aprendizagens significativas. Nossa escola pretende representar uma espécie de “consciência ativa” da própria comunidade, para alertar quanto aos seus valores, problemas e possibilidades, preparando seus elementos para que sejam membros renovadores e criativos nessa mesma sociedade. Tal atuação lhe dará mais força e consistência, porque os cidadãos assumirão com muito maior convicção e empenho os objetivos de sua comunidade, que se identificam com os objetivos das pessoas integrantes da sociedade.

Antes de qualquer coisa, a escola tem de conhecer o ambiente de onde provêm os alunos, para poder tratá-los de acordo com suas peculiaridades e características, não lhes oferecendo uma Educação inadequada.

Concluimos, portanto, que a escola tem muito para oferecer, contanto que se prontifique a sair de seu isolamento e a considerar-se de fato um agente social da Educação, uma colaboradora na tarefa ingente da Educação das novas gerações. “Ainda que não mude o

mundo, a escola pode ajudar o (a) estudante a melhor entender como o mundo opera, o que é condição indispensável para se operar nesse mundo”. (Moreira 2006).

Concepção de Currículo

A concepção de currículo, adotada de aplicação pretende ultrapassar a estrutura linear e compartimentalizada das disciplinas isoladas e desarticuladas. Buscando a reciprocidade e colaboração entre as diversas áreas em uma atitude dialógica e cooperativa permanente, necessária á compreensão das múltiplas relações que constituem o mundo e vida, no qual os sujeitos são mediados pela existência.

O currículo deve ser redimensionar, constantemente os espaços e tempos escolares, revendo a concepções e práticas pedagógicas. Nesse contexto a formação permanente dos ou os educadores é indispensável, promovendo a cooperação entre os implicados no processo de qualificação do processo de ensino e aprendizagem.

Sendo assim, ao optarmos por um currículo para a formação humana compreendemos que este precisa ser situado historicamente onde se possam introduzir sempre novos conhecimentos não se limitando apenas aos conhecimentos relacionados às vivências do aluno, mas que entende que o conhecimento formal traz outras dimensões ao desenvolvimento humano que vão além do uso prático; um currículo orientado para a inclusão de todos ao acesso dos bens culturais e ao conhecimento e que está, assim a serviço da diversidade.

Ainda com referência nas DCEs (2008), é importante destacar que embora se compreendam as disciplinas escolares como indispensáveis no processo de socialização e sistematização dos conhecimentos não se podem conceber esses conhecimentos restritos aos limites disciplinares.

A valorização e o aprofundamento dos conhecimentos organizados nas diferentes disciplinas escolares são condição para se estabelecerem as relações interdisciplinares, entendidas como necessárias para a compreensão da totalidade. Assim, o fato de que se entendidas como necessárias para a compreensão da totalidade. Assim, o fato de que se identificam os condicionamentos históricos e culturais, presentes no formato disciplinar de nosso sistema educativo, não impede a perspectiva interdisciplinar.

Tais perspectivas se constituem, também, como concepção crítica de Educação e, portanto, está necessariamente condicionada ao formato disciplinar, ou seja, à forma como o

conhecimento é produzido, selecionado, difundido e apropriado em áreas que dialogam, mas que se constituem em suas especificidades.

Dessa forma, o currículo está diretamente relacionado ao contexto sócio político cultural e assim é construído de forma dinâmica e participativa através de uma abordagem interdisciplinar, tendo em vista, prioritariamente, a formação do cidadão comprometido eticamente com a transformação da sociedade.

Concepção de Avaliação

O caráter da avaliação assume a função de um processo abrangente, cuja ênfase deve recair não só na aprendizagem do /a aluno/a também na organização do ensino e nas relações que se estabelecem na sala de aula. Dessa forma, como um processo reflexivo, contínuo e permanente das práticas pedagógicas o principal objetivo é o planejamento e a intervenção.

A concepção de avaliação que fundamenta o nosso trabalho tem sua base no materialismo histórico dialético, de modo que a concepção de homem é a de ser histórico, produtor de sua existência, transcendência da natureza e, portanto, livre no sentido de agir intencionalmente de modo a construir possibilidades não previstas, não naturais, optar por uma coisa ou outra, decidir entre o que é bom e o que não é.

Desse modo educa e educa-se, avalia e avalia-se também e assim transforma e se transforma, faz-se humano. Avaliar, portanto, é uma ação intencional, pois é trabalho, pois contribuem para “fundar a humanidade do homem junto com a postura ética, para lhe dar sustentação.”

A avaliação deve ser emancipadora que implica em garantir o acesso ao conhecimento por parte do aluno e avaliá-lo durante todo o processo de apropriação do saber. A avaliação processual constitui na análise e reflexão do programa de aprendizagem, A avaliação processual constitui na análise e reflexão do programa de aprendizagem, das atividades curriculares, do desenvolvimento do /a aluno, bem como da ação do/a professor/a.

A ação avaliativa mediadora oportuniza aos/as momentos de expressão e discussão dos saberes, tarefas diversificadas que auxiliam na localização das dificuldades e descobertas das soluções. Essa possibilidade de reflexão do processo ensino aprendizagem tem como instrumento básico os registros de avaliação com anotações significativas sobre o acompanhamento dos/as alunos/as em seu processo de construção do conhecimento.

Portanto, as escolas usam avaliação formativa como instrumento de regulação da aprendizagem permitindo ao professor conhecer sobre tudo o que o aluno aprendeu ou não, em processo de construção de aprendizagem e conhecimento.

Concepção de Inclusão

A escola sobre tudo trabalha com planejamento coletivo e de colaboração entre os profissionais, centrado no contexto do grupo, atendendo não só os alunos com necessidades educativas especiais, mas também as eventuais especificidades dos demais alunos, contribuindo, dessa forma, com o processo de inclusão escolar, maior objetivo é de contemplar as necessidades individuais de cada aluno.

No cotidiano escolar e social muitos preconceitos revelam-se, em geral através da linguagem do discurso ou de comportamentos e gestos, os quais podem ser identificados no conteúdo de dança, trabalhado em Educação Física e Arte - onde há preconceito com os meninos que dançam. Também existe discriminação referente ao local de origem das pessoas que vivem na cidade ou no campo, sendo muitas vezes chamados de “vileiros”, “favelados,” “colonos” dentre outros.

Destacamos também o preconceito com relação a cor da pele, padrão de beleza, etnia, grupo social, gênero, religião e faixa etária. Em nosso estabelecimento de ensino presenciamos esses problemas, que são visíveis através dos educandos e de suas famílias que enfrentam as desigualdades sociais, culturais, afetivas econômicas, que, por inúmeros motivos se evadem da escola. Diante disso, em sala de aula, os educadores pode utilizar-se de recursos como dinâmicas, trabalhos em grupo, atividades lúdicas e entrosamento através de conversação ou diálogos que possam auxiliar no trabalho para que a prática pedagógica venha a ser heterogênea, lembrando que as diferenças e desigualdades não desaparecem, mas podem ser amenizadas quando compreendidas.

Salientamos que nesse estabelecimento de ensino não há registro de matrículas de descendentes da cultura indígena, mesmo assim nossos educandos e os profissionais que aqui atuam reconhecem a importância histórica dessa cultura na sociedade brasileira valorizando-a e respeitando-a.

Outro fator relevante é a dificuldade de aprendizagem grupo, atividades lúdicas e entrosamento mediante conversação ou diálogos que possam auxiliar no trabalho para que a

prática pedagógica venha a ser heterogênea, lembrando que as diferenças e desigualdades não desaparecem, mas podem ser amenizadas quando compreendidas. Salientamos que nesse estabelecimento de ensino não há registro de matrículas de descendentes da cultura indígena, mesmo assim nossos educandos e os profissionais que aqui atuam reconhecem a importância histórica dessa cultura na sociedade brasileira valorizando-a e respeitando-a.

Perfil do /a Professor/a

Define o como perfil o docente da Escola a disponibilidade de trabalhos em equipe.

Visão interdisciplinar de sua área de conhecimento estabelecendo relações entre as disciplinas afins.

Compreensão da relação de aprendizagem dialógica;

Competência formadora.

Perfil do /a Aluno /a

Definimos se, portanto através do perfil do/a , aluno/a, algumas questões que deverão ser objeto de atenção e de construção, por parte dos /das professores, ao longo dos diferentes ciclos de formação do Ensino Fundamental I,II e do Ensino Médio:

Ter autonomia e autoria de pensamento;

Ser pesquisador

Utilizar o conhecimento em situações desafiadoras

Aprender a aprender

Manejar, criativamente com a lógica, raciocínio, argumentação, dedução e indução;

Ser empreendedor;

Ser cooperativo;

Ser ético;

Ter responsabilidade com a manutenção do meio ambiente

Ser conhecedor da realidade regional, nacional e internacional, capaz de contribuir para a formação de uma consciência política, afinada com a sociedade globalizada.

Utilizar os conhecimentos da tecnologia como ferramenta facilitadora e modernizadora de sua atividade profissional.

2.3 Marcos Operativos Da Educação Básica

A escola prevê a comunidade da Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio, além da Educação de jovens e Adultos, conforme legislação vigente.

“Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN, nº 9394/96, em seu artigo 26 os currículos do Ensino Fundamental” e Médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela.

Portanto, expressa no Projeto Político Pedagógico da Escola, os princípios básicos para construção de uma proposta pedagógica que visem articulação entre os saberes locais dos sujeitos e a estruturação de Projetos Interdisciplinares que possibilitem o acesso ao conhecimento sistematizado, em cada uma das áreas, com vistas á aprendizagem significativa.

Segundo Hernández (2017) Aprendizagem significativa dá ênfase da descoberta ao caráter verbal que deve estar presente nas situações de ensino. Situação que embora os casos extremos, podem levar a defesa do modelo de metodologia por meio de projetos como via explicativa tanto da evolução dos alunos e no seu desenvolvimento.

A concepção da aprendizagem significativa não soluciona algumas questões básicas sobre o processo de aprendizagem, como se fosse o indivíduo que, quando aprende, tenha de se adaptar á realidade (a informação) esse de aprendizagem como um processamento das informações que fundamentam o modelo da aprendizagem significativa verbal, os elementos reflexão para as práticas, embora em geral, a experiência da sala de aula. Mediante as práticas de sala de aula vamos relacionar causa e efeito nos discentes os processos internos do aprender, por descobertas de caráter verbal por defesas da assimilação, acomodação e adaptação. E assim articular o produto, na Metodologia de Ensino por projeto para o Sexto Ano do Ensino Fundamental: Uma Proposta Diferenciada.

Objetivos Gerais:

Desenvolver ações irá sensibilizar a equipe escolar, o trabalho com a Lei Federal 10.639/03, visando minimizar o preconceito contra o negro e a oportunidade para cerca da realidade brasileiro, percebendo a presença da cultura africana para que possam compreender os fatores racial de forma cortina e descortina e vencendo e enriquecimento no grupo escola.

Objetivos específicos:

Sensibilizar os professores e (as) sobre as alternativas de teoria e prática de caráter pedagógico, pautado nas formas diversas relacionadas a cultura negra.

Conhecer/ reconhecer as diversidades culturais as particularidades da cultura africana com os contos africanos.

Trabalhar com metodologia por meio de projetos usando as lendas africanas, nos componentes curriculares da Língua Portuguesa interdisciplinar com os contextos da disciplina história, fazendo o recorte na abolição dos escravos, e igualmente o dia da consciência negra no currículo do sexto ano.

Usando as lendas africanas, com a mediação das aulas de literatura as leituras de lendas, a reescritas visando atualizar o imaginário dos alunos e famílias no século XXI usando a metáfora.

As camadas sociais são comunidades que faltam informações quanto a sua identidade. E sofrem pela exclusão social na renda financeira, moradia e na saúde.

Reconhecendo o passado dos negros resgataram a trajetória, histórica de exclusão dos negros no campo da Educação em virtude no social.

Repensando as práticas curriculares e também práticas ambientais escolares revedo os alinhamentos mesmo que o ato das leituras e das lendas africanas valorizem os negros ainda visto que de maneira limitada, sua origem somente como escravos, os conteúdos venham mudar, negro pobre nunca estudou, limitando também seu ambiente de lazer, em determinado lugares onde o negro está presente no imaginário de algumas pessoas da sociedade a presença do negro está vinculada s coisas ruins”.

A Educação deve ser entendida como um fator de realização da cidadania com padrões de qualidade da oferta e do produto, na luta contra a superação das desigualdades e exclusão social (LIBÂNEO, 2012, p.133).

Vamos trabalhar na escola com as turmas do sexto ano do Ensino Fundamental nas aulas destinada a literatura, iremos ao laboratório de informática ou sala de informática ainda que seja na quadra da escola fazendo, um combinado com os professores para sem desorganizar a rotina da escola.

Considerações Finais

O projeto político pedagógico é uma construção coletiva que se transforma e estará sempre em processo de modificações, sendo uma tessitura, como paradigma que têm referência em uma perspectiva rizomática. E encontrar espaço meio as disciplinas rígidas para o trabalho da lei Federal 10639/2003 e a 11.645/2008 para formação de identidades engajamento tanto de discentes e os docentes.

Portanto vemos que este documento visto que delimitam, as ações pedagógicas, tendo em vista de uma prática reflexiva constante, necessária para uma Educação de qualidade para os alunos/as.